



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde – CCBS
Departamento de Psicologia

Afinal, toda forma de amor vale a pena? Considerações acerca das transformações nas relações afetivas.

Campina Grande, Dezembro – 2013

Carla de Sant'Ana Brandão

Orientadora

Afinal, toda forma de amor vale a pena? Considerações acerca das transformações nas relações afetivas.

Trabalho Acadêmico Orientado apresentado à Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Psicólogo.

Waléria Frazão Ramos de Araújo

Orientanda

Campina Grande, Dezembro – 2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

A663a Araújo, Waléria Frazão Ramos de.
Afinal, toda forma de amor vale a pena? [manuscrito] :
Considerações acerca das transformações nas relações afetivas /
Waléria Frazão Ramos de Araújo. – 2013.
71 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia)
– Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências
Biológicas e da Saúde, 2013.

“Orientação: Prof Dr. Carla de Sant’Ana Brandão Costa ,
Departamento de Psicologia”.

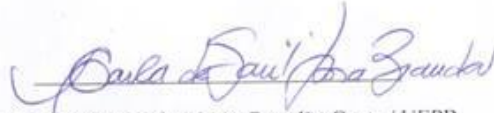
1. Relações pessoais. 2. Relações amorosas. 3. Amor. 4.
Modernidade. I. Título.

21. ed. CDD 158.2

WALÉRIA FRAZÃO RAMOS DE ARAÚJO

Afinal, toda forma de amor vale a pena? Considerações acerca das transformações nas relações afetivas.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel/Licenciado em Psicologia.



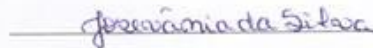
Prof.ª Dr.ª Carla de Sant'Ana Brandão Costa / UEPB

Orientadora



Prof. Ms Sérgio Murilo / UEPB

Examinador



Prof.ª Dr.ª Josevânia Silva / UEPB

Examinadora

Data da Aprovação: 12 / 12 / 13

“Quero um dia, poder dizer às pessoas que nada foi em vão. Que o amor existe, que vale a pena se doar às amizades e às pessoas, que a vida é bela sim, e que eu sempre dei o melhor de mim... E que vale a pena”.

Mario Quintana

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter realizado o impossível em minha vida, não apenas uma vez. Agradeço pela força que me deu ao longo de minha trajetória, não me deixando ser apenas mais uma vítima das circunstâncias da vida. E por estar sempre comigo guiando meus passos.

Aos amores da minha vida, Maria Heloíza, Sávio Gabriel e José Miguell, meus filhos, por abrilhantarem e alegrarem o meu jardim, por me instigarem a querer ser uma pessoa melhor e por me ensinarem a forma mais sublime e perfeita de amor.

Aos meus pais, Maria de Lourdes Frazão e Walter Beserra, pelo dom da vida. E em especial a minha mãe, Maria de Lourdes, minha gratidão pelo apoio incondicional em todos os momentos em que precisei e por acreditar no meu potencial.

Ao meu amor, amigo, amante Sávio Alberto que me inspirou a escrever este trabalho, pela trajetória que juntos trilhamos, onde a cada dia construimos a nossa própria forma de amar. A ele que há mais de 11 anos vem me mostrando que amar vale a pena sim! Agradeço também pela compreensão diante de tantos momentos de ausência e de estresse, e por todo apoio que me deu ao longo de mais de 5 anos de curso.

Ao meu querido avô José de Castro Ramos (*in memoriam*) que tanto se orgulhou diante da minha aprovação no vestibular, e que neste momento onde quer que ele esteja, deve estar dividindo comigo a alegria deste momento, agradeço pelo exemplo de sabedoria, de bondade, de ética, de fé e comprometimento com a família.

A cada membro de minha família que, em maior ou menor, grau contribuiu para a conclusão desta etapa da minha vida.

As minhas amigas Deize Lima, Rossana Costa, Jéssica Oliveira e Valéria Bezerra, companheiras na vida e na profissão, pelo carinho, empatia, aceitação e liberdade experiencial que me proporcionaram de modo tão congruente que as levarei em meu coração para onde eu for. Agradeço mais uma vez a Deize Lima pela revisão do texto e pelo auxílio na busca de participantes para esta pesquisa.

A professora Carla Brandão, minha orientadora neste trabalho, por todo conhecimento e experiência que me transmitiu, sendo sempre um exemplo a ser seguido tanto como pessoa, quanto como profissional.

A Banca examinadora, a professora doutora Josevânia Silva e o professor mestre Sergio Murilo, pessoas que colaboraram significativamente para a minha formação e que agora se dispõem a contribuir neste momento.

Aos entrevistados deste estudo que se disponibilizaram a participar desta pesquisa, dividindo comigo um pouco de suas subjetividades.

A todos os professores e funcionários do departamento de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba que tornaram possível a minha trajetória pelo curso.

E por fim, a todos que de modo direto ou indireto contribuíram para minha formação pessoal e profissional, tornando os meus dias mais doces e repletos de amor. A pessoa que sou hoje devo a todos que pela minha vida passaram, pois é na interação com cada um que eu me constituo a cada dia!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: AMOR E RELAÇÕES AMOROSAS: aspectos históricos da Pré-história à Modernidade	13
CAPÍTULO 2: O AMOR: Aspectos Conceituais e Teóricos	17
2.1 Teoria tipológica do amor	20
2.2 Teoria do apego	21
2.3 Teoria da Expansão do eu	22
CAPÍTULO 3: AS VÁRIAS FORMAS DE AMAR NA CONTEMPORANEIDADE: tipos e características	24
CAPÍTULO 4: AS FORMAS DE RELACIONAMENTO AMOROSO: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO	29
4.1 OBJETIVOS	30
4.1.1 Objetivo Geral	30
4.1.2 Objetivos Específicos	30
4.2 MÉTODO	30
4.2.1 Caracterização da Amostra	31
4.1.2 Instrumentos de Coleta de Informações	32
4.1.3 Procedimentos de Coleta de Informações	33
4.1.4 Procedimentos na Análise de Informações	33
4.1.5 Considerações Éticas	34
4.3 RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÕES	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	59

APÊNDICES..... 63

APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

APÊNDICE 3 – ENTREVISTA

ANEXOS..... 67

ANEXO 1 – TERMO DE COMPROMISSO DO RESPONSÁVEL PELO PROJETO

ANEXO 2 – TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

ANEXO 3 – PARECER DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

RESUMO

Ao pensar o momento atual no qual se encontram as sociedades ocidentais é possível perceber que diversas são as transformações que vem ocorrendo a cada dia, portanto, um período de incertezas e de transições, inclusive nas relações amorosas, já que as mudanças acabam por refletir no modo de vida das pessoas, sobretudo nas formas de se relacionarem social e afetivamente. Neste sentido, surgem inúmeras formas de expressar e significar o amor. Considerando a diversidade na significação e expressão do amor, este estudo visa abordar o amor ao longo da história, além de analisar a percepção dos indivíduos sobre o amor, identificando as modalidades e características de tais formas, além de discutir os aspectos considerados favoráveis e desfavoráveis entre os que mantêm diversas modalidades de relacionamento. Para tanto, foi realizado um estudo qualitativo por meio de entrevistas realizadas com 3 homens e 5 mulheres que mantêm algum tipo de relacionamento amoroso (casamento, namoro, 'ficando', com relação virtual, homo ou heterossexual, relação à distância). As entrevistas foram transcritas e analisadas qualitativamente através do método de análise de conteúdo. Os resultados indicam que o amor é percebido pelos entrevistados como sendo uma construção progressiva; baseado na completude, aceitação e cuidado e constituído através do altruísmo. Os elementos buscados pelos sujeitos em seus relacionamentos são: apoio social, estabilidade e confiança. Foram elencados como benefícios da relação amorosa: o apoio social, a aceitação incondicional e o diálogo, por outro lado, os malefícios citados foram: as diferenças interpessoais e a distância, entre outros fatores. Por fim, de um modo geral, os entrevistados acreditam que a sociedade percebe determinadas formas de relacionamento de maneira negativa e estigmatizante.

Palavras-chave: Relações amorosas, Amor, Modernidade.

ABSTRACT

When thinking about the current moment in which they are Western societies is possible to see that many are the transformation that has been taking place every day, so a period of uncertainty and transition, including love relationships, since they end up reflecting the changes in way of life, mainly on ways to relate socially and emotionally. In this sense, many ways to express and signify love arise. Considering the diversity in meaning and expression of love, this study aims to address the lifelong love of history, and analyze the perceptions of individuals about love, identifying the terms and characteristics of such shapes, besides discussing the aspects considered favorable and unfavorable among which maintains different types of relationship. Thus, a qualitative study through interviews with 3 men and 5 women that holds some kind of romantic relationship (marriage, dating, 'getting' with virtual relationship, heterosexual or homosexual, relative to distance) was performed. The interviews were transcribed and analyzed qualitatively using the method of content analysis. The results indicate that love is perceived by respondents as being a progressive construction, based on the completeness, acceptance and care and composed through altruism. The elements sought by individuals in their relationships are: social support, stability and confidence. Were listed as benefits of a relationship: social support, unconditional acceptance and dialogue, on the other hand, the harms cited were: interpersonal differences and distance, among other factors. Finally, in general, respondents believe that society perceives certain forms of relationship in a negative and stigmatizing way.

Keywords: Relationship, Love, Modernity.

1. INTRODUÇÃO

Após viverem inúmeras dificuldades, o mocinho e a mocinha se encontram se casam e acabam felizes para sempre. Desde os ‘Contos de fadas’, quando se trata de amor, essa é uma fantasia que permeia o imaginário das pessoas, apesar de todas as transformações pelas quais vem passando as relações sociais, amorosas e familiares. Por isso, tratar sobre o amor nos dias atuais tem se tornado uma missão cada vez mais difícil, uma vez que este não se apresenta da mesma forma que outrora, nem mesmo se configura em um único padrão. Diante disto, há os que dizem que o amor encontra-se escasso, por outro lado, há os que apontam o surgimento de novas possibilidades de amar a partir de novas configurações de relacionamentos.

Nesta conjuntura, a sociedade vive uma fase de transição em função das grandes transformações que vem ocorrendo a partir do advento de internet e do desenvolvimento tecnológico que favorece a novas formas de contato pelos meios de comunicação. Além disso, desde meados do século XX, a independência financeira da mulher a partir da entrada no mercado, a possibilidade do planejamento familiar, entre outras mudanças sociais nas formas de estabelecimento de relações refletem consideravelmente nos relacionamentos interpessoais, especialmente nas relações amorosas. Todavia, como consequência desta nova sociedade, surgem novas formas de significar e de expressar o que é amar, bem como formas novas de estabelecer relações amorosas, as quais vão desde formas tradicionais e socialmente aceitas à modelos de relacionamentos considerados “modernos” e que, embora nem sempre correspondam aos modelos tradicionais de relacionamento, visam atender as necessidade particulares de pessoas com diferentes valores, ritmos, estilos de vida.

Assim, verifica-se, então, a necessidade de reconhecer e refletir sobre as formas de amor, pois o amor é uma modalidade de relacionamento interpessoal com muitas variações e desdobramentos e que tende a diversificar-se ainda mais, desde o casamento nos moldes tradicionais à relacionamentos abertos, à distância, interculturais, homoafetivos, entre outros.

Não são poucos os estudos que buscam compreender, contextualizar ou teorizar sobre o amor, pois, trata-se de um tema universal que se constitui de diferentes formas nas diversas classes sociais, culturas e etnias. Assim, o amor, em diversos momentos da história, ganhou diferentes significados, ora aproximando-se da loucura, ora sendo santificado.

A partir destas considerações, emergiu a necessidade compreender mais sobre o amor e a percepção de pessoas que vivem diferentes formas de relacionamentos. Portanto, este trabalho tem seu foco voltado aos vários tipos de relacionamentos, inclusive aqueles que, por vezes, não são reconhecidos e, conseqüentemente, são tratados de modo estigmatizado e

preconceituoso. Algumas teorias e pensadores como: John Allan Lee (1988), John Bowlby (1989), Anthony Giddens (1993) e Zigmunt Bauman (2004), dentre outros, irão subsidiar este estudo, na busca por compreender e caracterizar formas de amor na contemporaneidade.

Assim, esta proposta tem como objetivos analisar a percepção dos entrevistados acerca do amor, identificar as modalidades e características das atuais formas de relacionamento e classificar os aspectos considerados favoráveis e desfavoráveis das mesmas. Visando a discussão sobre configurações e reconfigurações do amor na sociedade contemporânea, porém sem a pretensão de apontar maneiras corretas ou erradas de amar – se é que é possível definir o que é certo ou errado no amor. Com isso, objetiva-se explicar sobre as formas de relacionamentos amorosos, desde as modalidades mais clássicas e convencionais às modalidades emergentes na contemporaneidade, relacionando-as às mudanças sociais neste início de século.

Neste percurso, este estudo pretende possibilitar a compreensão das mudanças nas relações amorosas no cenário de mudanças sociais mais amplas e complexas nas sociedades ocidentais, analisando o impacto das transformações sociais no cotidiano de casais, famílias e na construção de novas modalidades de expressão do amor e no estabelecimento de relações afetivas.

CAPÍTULO 1:

AMOR E RELAÇÕES AMOROSAS:

aspectos históricos da Pré história à Modernidade

“O maior solitário é o que tem medo de amar, o que tem medo de ferir e ferir-se, o ser casto da mulher, do amigo, do povo, do mundo. Esse queima como uma lâmpada triste, cujo reflexo entristece também tudo em torno. Ele é a angústia do mundo que o reflete. Ele é o que se recusa às verdadeiras fontes de emoção, as que são o patrimônio de todos, e, encerrado em seu duro privilégio, semeia pedras do alto de sua fria e desolada torre”.

Vinicius de Moraes

A vida nas cavernas era desprovida de regulamentações obrigatórias, portanto, caracterizava-se pela livre expressão da natureza animal e instintiva. Os impulsos estavam livres para tentarem se exercer, sendo limitados apenas pela força da natureza (GIKOVATE, 2001). Deste modo, a vida neste período era uma eterna luta pela sobrevivência, visto que a natureza era tanto provedora quanto devastadora para a humanidade (LINS, 2012). Neste sentido, na busca por sobreviver, o mais forte se sobressaía em detrimento dos demais. Em se tratando de homens e mulheres, por ser fisicamente superior, o homem tinha acesso sexual à mulher de acordo com seu desejo (GIKOVATE, 2001).

Neste período, segundo Seixas (1998), a sexualidade era permissiva, com acasalamentos permanentes, semipermanentes e casuais, tendo o ato sexual a função exclusiva de satisfação física. Conforme Lins (2012), o vínculo entre sexo e procriação era desconhecido, sendo a fertilidade característica exclusiva da mulher pelo fato de gerar e dar a luz à prole. A autora afirma ainda que a ideia de casal era desconhecida, pois, cada mulher pertencia igualmente a todos os homens, e vice-versa.

Para Gikovate (2001), é difícil imaginar como se estabeleciam o vínculo e o apego entre as pessoas nesta época, considerando que a maior ocupação do ser humano era sobreviver em um habitat extremamente adverso. Pensando nisto, pode-se dizer que o surgimento de um vínculo afetivo propriamente dito, exclusivo da espécie humana se deu a partir da aquisição da postura vertical, pois, segundo Lins (2012), antes disso a relação entre macho e fêmea resumia-se a procriação e sobrevivência, inclusive o ato sexual era breve e com finalidade específica. A autora acrescenta que a bipedia proporcionou um encontro face a face, onde os músculos, terminais nervosos, tecidos sensitivos e o ângulo de penetração durante a relação contribuem para uma experiência sensual que é impossível para qualquer primata não humano.

Além disso, é preciso enfatizar que além do desenvolvimento dos laços afetivos a bipedia proporcionou à espécie humana inúmeros avanços. A postura ereta fez com que o homem ampliasse sua visão de mundo, fazendo-o aprimorar suas formas de comunicação, seus instrumentos de caça e, posteriormente, o desenvolvimento de utensílios para atender as mais diversas necessidades.

O aprimoramento das formas de comunicação, em especial o desenvolvimento da escrita, acarretou a difusão de conhecimentos, principalmente no tocante à religiosidade, o que favoreceu a ascensão da Igreja. Assim, a Idade Média (Séc. V ao XV), um dos períodos mais longos da história, é fortemente marcada pela supremacia da Igreja Católica, tendo como sistema de produção o feudalismo e, conseqüentemente, a hierarquização da sociedade. É

nesta fase que recai sobre a mulher os resquícios do pecado original cometido por Eva, uma vez que provou e fez Adão provar do fruto proibido. A partir daí, segundo Galiza (2008), a mulher passa a ser considerada a porta de entrada para o demônio, a menos que fossem virgens, mães, esposas, ou quando viviam no convento. Assim, não é à toa que este período foi considerado a idade das trevas, sobretudo para as mulheres.

Com a consolidação do cristianismo há a negação da totalidade do ser humano, visto que neste período o corpo deveria ser negligenciado e sublimado em favor de um ideal absoluto. Nesta conjuntura, o amor cristão deveria transcender a vida pela filiação comum, sendo o casamento o espaço mais apropriado para a realização do amor, tendo como finalidade alcançar a salvação e o paraíso. Todavia, “o amor se faz incondicional: tudo suporta, tudo releva, é sacrifício, abdicação e dedicação” (PRETTO, MAHEIRIE & TONELI, 2009; p. 396).

Em contraposição a este movimento, surge no século XII o amor cortês, definido por Eco (2010) como uma paixão casta, porém obsessiva, por uma mulher inacessível (geralmente casada, ou de diferente classe social) e, portanto, caracterizada pelo amor romântico no sentido moderno do termo, como desejo insatisfeito e sublimado. Esta forma de amor foi bastante difundida pelos trovadores através de suas cantigas e romances, e muitas vezes em suas próprias vidas, como afirma Barros (2011; p. 197)

Personagens fundamentais estão todos ali: o Amador devotado, a Dama idealizada e socialmente inatingível, o marido ciumento, e até mesmo os losengiers que denunciam a paixão clandestina. Da mesma forma, aparecem intrincados neste romance trágico alguns dos tradicionais paradoxos do Amor Cortês: a relação íntima entre Amor e Morte, o imbricamento entre Nobreza e Sofrimento, bem como o confronto entre o Casamento socialmente condicionado e o Verdadeiro amor, levado até as suas últimas consequências trágicas – eis aqui os ingredientes de uma história amorosa que realiza o amor extremo e que o concretiza na metáfora da mulher que sem o saber devora o coração do trovador, ao qual vai depois se juntar no abraço definitivo da própria Morte.

Contudo, para Barros (2011), o amor cortês é uma mistura dramática de sentimentos que envolve o *desejo*, maior do que tudo no mundo, mas irrealizável sob pena de que se acabe o próprio amor; o *perigo* de que este amor seja descoberto e que isto acarrete o fim da relação amorosa ou abale a reputação da dama; e o *sofrimento*, decorrente da ambiguidade vivida.

Indo de encontro aos preceitos da Idade Média, a Modernidade (1453 – 1789) começa a ser introduzida através de movimentos como o Renascimento e a Reforma religiosa, juntamente com o reaquecimento das atividades comerciais através das grandes navegações. Todavia, a modernidade se constitui enquanto um fracionamento dos modelos estabelecidos

no passado, construídos em unidades fechadas e que agora se abrem direcionadas ao desconhecido dando origem a novas leituras de mundo a partir da emancipação da razão. Assim, esse período leva o sujeito a desenvolver a capacidade de refletir retrospectivamente sobre si mesmo (individualismo), caracterizando a chamada modernização reflexiva (LUVIZOTTO, 2013). Deste modo, o conhecimento é descentralizado, não permanecendo apenas com o cunho religioso.

O Renascimento foi um movimento de cunho artístico, cultural e científico que ocorreu logo no início da Idade Moderna (Séc. XV) e impulsionou grandes eventos: a invenção da imprensa (democratização das ideias), a descoberta do sistema solar (introdução da objetividade científica) e as grandes navegações marítimas. Através deste movimento o sexo começou a ser difundido no discurso das pessoas como uma forma mais popular de auto-expressão, a nudez entra em cena na pintura e escultura. No entanto, o comportamento sexual da plebe ainda é regido pela autoridade da igreja, enquanto que os nobres gozam de total liberdade (SEIXAS, 1998).

Ainda segundo Seixas (1998), o segundo movimento marcante nesta época, a Reforma Religiosa (Séc. XVI), surge através de Martinho Lutero e João Calvino, na luta contra as arbitrariedades da igreja. Assim, o movimento reformista modifica profundamente o relacionamento homem - mulher. Há mais respeito pela harmonia emocional dos jovens e os casamentos deveriam ser monogâmicos. O divórcio passa a ser permitido diante de determinadas situações e para o protestantismo o sexo é tido como natural e o prazer é admitido, porém, apenas dentro do casamento.

Deste modo, aos poucos homens e mulheres da aristocracia e da classe média desenvolvem afeição no casamento. Neste momento surgem os primeiros livros preocupados em ensinar a namorar, a tratar a mulher de forma adequada, a obter amizade, companheirismo e paixão no relacionamento a dois, além da reprodução (SEIXAS, 1998).

CAPÍTULO 2:

O AMOR: aspectos conceituais e teóricos

O VELHO E A FLOR

Por céus e mares eu andei,
Vi um poeta e vi um rei
Na esperança de saber
O que é o amor.

Ninguém sabia me dizer,
Eu já queria até morrer
Quando um velhinho
Com uma flor assim falou:

O amor é o carinho,
É o espinho que não se vê em cada flor.
É a vida quando
Chega sangrando aberta
em pétalas de amor.

Vinícius de Moraes

A fim de melhor compreender as transformações que vem ocorrendo nas relações amorosas, bem como as inúmeras formas de amor que se configuram e reconfiguram em nossa sociedade, se faz necessária uma breve explanação acerca do que vem a ser o amor. Isto deve ser feito partindo do pressuposto que, se tratando do amor, não há definição exata, como também não há uma melhor ou pior forma de amar.

Neste sentido, é possível observar no quadro a seguir algumas definições que se complementam e, ao mesmo tempo, divergem entre si, possibilitando um olhar pluridimensional frente à temática.

AUTOR	CONCEPÇÃO DE AMOR	ANO DE PUBLICAÇÃO
Bíblia Sagrada	O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não se trata com leviandade, não se ensoberbece. [...] Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.	—
Rubem Alves	[...] Amor é chama tênue, fogo de palha. Não pode ser imortal. No começo, aquele entusiasmo. Mas logo se apaga. Chama de vela, fraquinha, que se vai com qualquer ventinho... Amor é bibelô de louça. Todos os amantes sabem disso, mesmo os mais apaixonados [...] Por isto o amor é doloroso, está cheio de incertezas. Discreto tocar de dedos, suave encontro de olhares: coisa deliciosa, sem dúvida. E é por isso mesmo, por ser tão discreto, por ser tão suave, que o amor se recusa a segurar. Amar é ter um pássaro pousado no dedo. Quem tem um pássaro no dedo sabe que, a qualquer momento, ele pode voar.	(1992)
Betty Milan	O amor é uma promessa que não se cumpre e só por o ignorarmos acreditamos nas suas juras, entregando-nos a elas, como se do sentimento ou da vida se pudesse dar ou ter garantias. Indissociável do ódio, o amor o é ainda de uma outra paixão, a paixão tão humana da ignorância.	(1999)
Gregory J. P. Godek	O amor é algo divertido. É algo intensamente pessoal, contudo universal. Tem milhares de definições, e nenhuma delas o define exatamente. É um sentimento. É uma experiência. Está dentro de nós e contudo é evasivo. Nós o desejamos e o tememos. É a experiência central de nossas vidas, e contudo permanece um mistério.	(2000)
Zygmunt Bauman	Em todo amor há pelo menos dois seres, cada qual a grande incógnita na equação do outro. É isso que faz o amor parecer um capricho do destino – aquele futuro estranho e misterioso,	(2004)

	impossível de ser descrito antecipadamente, que deve ser realizado ou protelado, acelerado ou interrompido. Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo numa amálgama irreversível. Abrir-se ao destino significa, em última instância, admitir a liberdade no ser: aquela liberdade que se incorpora no Outro, o companheiro no amor.	
Carlos Rodrigues Brandão	Amor atrai amor e as pessoas que amam não amam apenas, elas criam amor. O amor não existe disponível em nós como uma “coisa” interior que se usa quando se quer. Ele se cria entre nós. Ele é criado nos gestos e entre os gestos de quem ama e, se verdadeiro, gera no outro a resposta do amor.	(2005)
Mary Del Priore	Amar é antes selecionar o eleito do coração. E notar, é colocar a parte, é singularizar. Um, ou uma, entre todos. Um rosto, um nome. Isso implica a seleção que entroniza o objeto como excepcional. O eleito é distinto: superior como um rei ou distante como uma estrela. O amor, dirá finalmente alguém, é um problema de vida, de ordem sensível, de estética e poética, não de conceitos.	(2006)
Patrício Sciadini	O amor é hoje produto de supermercado, colocado na agenda do prazer que devo buscar não pela realização do outro, mas sim pela minha fugaz, rápida e satisfatória realização dos sentidos, revoltados e famintos de felicidade.	(2007)
Mariano Soltys	O amor surge além da possibilidade de satisfazê-lo, pois se busca o ideal e felicidade suprema, intuitivamente e naturalmente, sendo que barreiras, em verdade, são estímulos ao mesmo. O amor vem basicamente como a afirmação do complementar, do equilibrar, do controlar, que é a essência do divino que se projeta no mundo, através da natureza.	(2009)

A temática em questão se constitui de forma bastante controversa e, por isso, as inúmeras teorias que buscam explicar, sistematizar e conceituar o amor, não partem de apenas uma única linha de pensamento. Dentre as diversas teorias existentes é possível destacar, de acordo com Amélio (2001) as seguintes: 1) Teoria tipológica do amor; 2) Teoria do apego e 3) Teoria da expansão do eu. Tais teorias são de grande valia na compreensão desse sentimento e dos fenômenos a ele associados.

2.1 Teoria tipológica do amor

Esta teoria foi desenvolvida por John Alan Lee. Ele propõe a existência de três estilos primários de amor: *Eros*, *Ludos* e *Estorge*. Assim, as combinações entre as diferentes intensidades desses três estilos resultam em um imenso número de estilos de amores secundários. Este mecanismo de combinação de estilos é análogo ao sistema de percepção de cores (figura 1), partindo do princípio de que os olhos enxergam apenas três cores (amarelo, azul e vermelho) que ao se combinarem geram inúmeros tons diferentes (AMÉLIO, 2001).

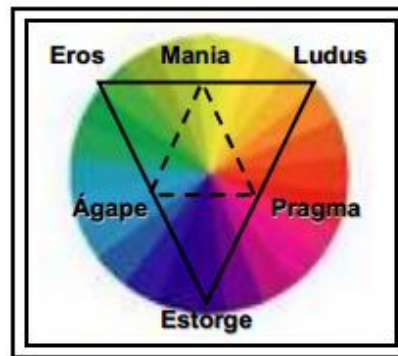


Figura 1 – A roda da cor de Lee (1977)

Segundo Andrade e Garcia (2009), os três estilos de amor são definidos da seguinte maneira: a) **Eros**: estilo de amor erótico, marcado por intensa emocionalidade e valorização de atributos de ordem física e sexual na interação conjugal; b) **Ludos**: tipo de amor manipulativo, marcado por jogos entre parceiros. Nele o indivíduo interage dentro do relacionamento de maneira mais descomprometida, faz da interação conjugal um “jogo”; c) **Estorge**: estilo de relacionamento mais amigável e companheiro, baseado em interesses compartilhados e nas semelhanças entre os parceiros.

Em se tratando dos estilos secundários, os mais estudados são: a) **Pragma** (Ludos + Estorge): o indivíduo característico deste estilo opera mais no nível racional, possui um estilo de relacionamento mais lógico e calculista; b) **Mania** (Eros + Ludos): estilo de amor de maior intensidade. As pessoas deste estilo vivem a experiência romântica de maneira muito intensa, possessiva e irreal; c) **Ágape** (Estorge + Eros): é o estilo amoroso altruístico. Muito raro de ser manifestado individualmente, é um amor caracterizado pela doação excessiva pelo companheiro de relacionamento (ANDRADE e GARCIA, 2009).

2.2 Teoria do apego

A segunda teoria, a **teoria do apego** de John Bowlby, parte do pressuposto de que o ser humano nasce com a capacidade inata de se apegar a outra pessoa. Assim, na sua teoria, Bowlby, aborda sobre a natureza e a origem dos vínculos afetivos. Segundo Bowlby (1969/1990), apud Souza e Ramires (2006), nos bebês o contato físico é uma “necessidade” tão primária quanto a de alimento e conforto, portanto, verifica-se a “necessidade” de um objeto independente do alimento. Assim, segundo a teoria do apego, esta capacidade de criar vínculos que nos acompanha desde bebês se constitui enquanto base das diversas formas de apego (amor materno, amor fraterno, amizade, amor romântico, etc)

Deste modo, apesar de a criança já nascer com a capacidade de se apegar, o estilo de apego específico que vai desenvolver depende, em grande parte, do estilo de apego de quem toma conta dela no primeiro ano de vida, geralmente, da mãe (AMÉLIO, 2001). Sobre tais estilos de apego, Souza e Ramires (2006) afirmam que:

A formação de um padrão ou outro de apego depende de condições como disponibilidade emocional dos pais ou principais cuidadores, sua capacidade para “responsividade contingente”, aceitação do bebê por parte dos pais, depressão materna, instabilidade resultante de pobreza e etc.

Mary Ainsworth (1978), uma colaboradora de Bowlby, classificou os tipos de apego dos cuidadores em três estilos: seguro, ansioso-ambivalente e evitativo. Todavia, Bowlby (1989 apud AMÉLIO, 2001; p. 30) os descreve desta forma:

Apego Seguro

“O indivíduo está confiante de que seus pais (ou figuras paternas) estarão disponíveis, oferecendo resposta e ajuda, caso ele depare com alguma situação adversa ou amedrontadora. Essa segurança faz com que ele se sinta corajoso para explorar o mundo. Esse modelo é provido por um dos pais, especialmente a mãe, nos primeiros anos, quando esta está disponível, sensível aos sinais da criança, e apresenta respostas amáveis, sempre que ela procura proteção ou conforto.”

Apego ansioso-ambivalente

“[...] o indivíduo se mostra incerto quanto à disponibilidade, à possibilidade de receber resposta ou mesmo ajuda por parte de seus pais, caso necessite. Por causa de sua incerteza, ele tende, constantemente, à ansiedade de separação, a ficar grudado e a ficar ansioso quanto à exploração do mundo. Esse modelo, onde fica evidente o conflito, é promovido por pais que se mostram disponíveis e prestativos em algumas ocasiões e não em outras, é promovido por separações e, como mostram as descobertas clínicas, por ameaças de abandono usadas como meio de controle.”

Apego ansioso com evitação

“[...] o indivíduo não tem nenhuma confiança de quando procurar cuidado terá resposta e ajuda mas, ao contrário, espera ser rejeitado. Quando isso acontece em alto grau, o indivíduo procura viver sua vida sem o amor e a ajuda de outros, tenta tornar-se emocionalmente auto-suficiente e, mais tarde, talvez, seja diagnosticado como narcisista ou como false-self do tipo descrito por Winnicott (1960). Esse modelo, onde o conflito está escondido, é resultado de constante rejeição por parte da mãe [...]. Os casos mais extremos são resultado de rejeições repetidas.”

De acordo com a teoria do apego, o estilo de vínculo afetivo a ser desenvolvido pelo indivíduo está relacionado a influências externas ao mesmo, ou seja, a postura dos primeiros cuidadores determinará a natureza de suas relações. No entanto, cabe salientar que os aspectos internos do sujeito devem ser considerados, as características de sua personalidade, bem como sua capacidade de sobressair em meio às adversidades (Resiliência). Diante disso, é preciso refletir acerca da participação da pessoa na constituição de seu próprio modo de se apegar, já que por mais satisfatório que pareça determinado ambiente é o próprio sujeito que estará avaliando se os cuidados recebidos de fato atendem suas necessidades. Afinal de contas, como disse Sartre (2002) “O importante não é aquilo que fazem de nós, mas o que nós mesmos fazemos do que os outros fizeram de nós”.

2.3 Teoria da Expansão do eu

A **teoria da expansão do eu**, de Elaine N. Aron e Arthur Aron, fornece fontes possíveis para compreender como uma pessoa se apaixona. Segundo Amélio (2001), há teorias que afirmam que é comum apaixonar-se por pessoas a quem se admira, assim, admirar quer dizer reconhecer qualidades excepcionais de determinada pessoa. Sendo assim, a teoria da expansão do eu vem confirmar esta noção, uma vez que propõe que, ao se deparar com uma pessoa que possui qualidades admiráveis o sujeito deseja incorporá-las ao eu.

De acordo com Amélio (2001, p. 35), esta incorporação se dá através do vínculo amoroso mantido com a pessoa que possui as qualidades em questão, já que:

Amá-la e ser amado por tal pessoa significa em parte, integrar aquelas qualidades ao nosso eu. O fato de os casais serem considerados e se considerar como unidade – unidade econômica, unidade de objetivos, unidade emocional, unidade de prestígio (ou desprestígio) social, etc. – é um indicio de que essa integração realmente acontece.

O autor acrescenta que cabe a pessoa perceber se a formação de unidade amorosa com determinado parceiro (a) é possível, ou seja, verificar se há chance de conquistá-lo e manter

um relacionamento amoroso com o mesmo. Além disso, há maior probabilidade de apaixonar-se por alguém quando a associação amorosa com determinada pessoa oferece possibilidades de crescimento psicológico e/ou ampliação dos horizontes pessoais, segundo esta teoria.

Levando em consideração as teorias explanadas referentes ao amor, vale ressaltar que nenhuma dessas teorias é passível de serem generalizadas. Porém, estas são de grande valia para a compreensão do amor em suas diversas esferas, seja no que diz respeito ao estilo e intensidade do amor, através da teoria tipológica e da teoria do apego, bem como no tocante ao objeto de amor, aspecto a ser explorado pela teoria da expansão do eu. Diante disso, é possível notar que as teorias em questão se complementam na tentativa de melhor compreender a temática vigente, partindo do pressuposto que cada fenômeno é singular e que nem sempre apenas as teorias dão conta de explicá-lo.

CAPÍTULO 3:
AS VÁRIAS FORMAS DE AMAR NA
CONTEMPORANEIDADE:
tipos e características

AI DE QUEM AMA

Quanta tristeza
Há nesta vida
Só incerteza
Só despedida

Amar é triste
O que é que existe?
O amor

Ama, canta
Sofre tanta
Tanta saudade
Do seu carinho
Quanta saudade

Amar sozinho
Ai de quem ama
Vive dizendo
Adeus, adeus

Vinicius de Moraes

O término da Idade Moderna é marcado pelo movimento da Revolução Francesa (1789-1799) que difundia o seguinte lema revolucionário: “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”. Diante disso, não é mera coincidência que exatamente nesta época os jovens tenham conquistado o direito de fazer as próprias escolhas, inclusive no que diz respeito aos próprios companheiros, ainda que dentro dos padrões paternos, mas já acobertados pelo amor e com ideais do amor romântico. Assim, a partir daí inicia-se um dilema entre o amor pautado na fraternidade (romântica) francesa e a objetividade dos valores individuais da cultura norte-americana (MESSA, 2009).

Subsequentemente à Revolução Francesa inicia-se a Revolução Industrial, que rapidamente invade grande parte dos diversos países ocidentais e é responsável pela transição entre o modo de produção feudal e o modo de vida capitalista, em um primeiro momento sob a influência da energia elétrica (1º Revolução Industrial) e, posteriormente, através da ordem digital (2º Revolução Industrial). Então, todo esse movimento colaborou para as diversas transformações que vem ocorrendo nas sociedades ocidentais em relação as formas de pensar, agir, relacionar-se, entre outras (COSTA, 2002).

Deste modo, com a 1º e 2º Revolução Industrial a sociedade passa a viver um momento de crise relacionada ao amor, estando com um “pé” no amor tradicional (romantismo) e outro no pragmatismo, com sua ideologia de consumo. Isto demonstra que o dilema instaurado em meio à Revolução Francesa se mostra cada vez mais evidente. No entanto, parece não estar claro no imaginário das pessoas, que não é necessário abdicar de uma forma ou outra de amor, pois fraternidade e individualidade são apenas faces da mesma “moeda”. Diante disso, Giddens (1993) nomeia o entrelaçamento destes dois modelos (amor romântico e amor apaixonado/*amour passion*) de amor confluyente ou amor puro.

Para Giddens (1993), o amor apaixonado relaciona amor ao sexo, sendo considerado extremamente perturbador, uma vez que leva o indivíduo a assumir posturas extremas e sacrificantes. Além disso, está relacionado à atração imediata e marcado pelo ardor sexual. Assim, aos poucos os elementos deste modelo (amor apaixonado) são incorporados ao amor romântico, no qual é necessário, além da atração e satisfação sexual, o reconhecimento das qualidades do outro. Vale ressaltar que este segundo modelo se constitui enquanto uma forma de amor sublime e idealizadora que, por vezes, proporciona aos pares o crescimento pessoal, uma vez que à medida que se é idealizado busca-se corresponder aos ideais de quem se ama.

É no contexto impactado pela contracepção e emancipação das mulheres, o feminismo, o conhecimento da diversidade ‘natural’ das opções sexuais e o estabelecimento de mais equidade entre os casais que Giddens (1993) discute o amor confluyente. Todavia, este amor

tem a autonomia como elemento definidor das novas relações amorosas, já que neste momento a sexualidade se encontra livre da obrigação de reprodução. Nesta forma de relacionamento os interesses estão restritos à própria relação, podendo ser desfeita mediante insatisfação de uma ou de ambas as partes. Cabe salientar que no amor confluyente não há lugar para termos como “único” e “para sempre”, mas, sim, tende a ressaltar “o relacionamento especial” em função da “pessoa especial”, considerando, inclusive, a poligamia e estando alicerçado em ideais (neo) liberais como: autonomia e auto-realização.

Por outro lado, Bauman (2008) faz uma crítica às “relações puras” (termo equivalente ao amor confluyente/relações confluyentes) referidas por Giddens (1993), afirmando que estas podem ser equiparadas as relações entre consumidores e bens de consumo. Isto porque estas relações são desfrutadas até o momento em que satisfazem de forma plena as necessidades de uma ou ambas as partes, a partir do momento que não o fizer, há a substituição daquele que já não atende os anseios do outro. De acordo com Bauman, o amor dispensa a facilidade no alcance da felicidade, já a “relação pura” inspirada por práticas consumistas promete que essa passagem será fácil e livre de problemas, enquanto faz a felicidade e o propósito reféns do destino – é mais como ganhar na loteria do que um ato de criação e esforço” (BAUMAN, 2008, p. 33). Sobre isso, é possível afirmar que tais relações depositam no destino ou na sorte a responsabilidade pela conquista da felicidade, isentando o sujeito de sua participação nesse processo, como uma forma de justificar a descartabilidade do amor. Conforme Bauman (2004), as relações vêm sendo tratadas como negócios que devem ser lucrativos e não acarretem em prejuízos.

Contudo, é possível perceber que o período vigente é caracterizado pela transição e adaptação que vem sendo acentuada ou mesmo prolongada em decorrência do avanço tecnológico que, de acordo com Gikovate (2001), diminuiu a importância da força física nas atividades produtivas. Nesta conjuntura, a valorização da inteligência neutralizou a suposta vantagem do homem sobre a mulher, já que apesar das tentativas nunca se conseguiu comprovar a superioridade intelectual do homem. Logo, este avanço criou as condições necessárias para o estabelecimento da igualdade profissional, econômica e social entre os sexos (GIKOVATE, 2001). Além disso, com declínio da supremacia masculina, os mecanismos de controle dos homens sobre as mulheres começam a falhar, isto cada vez mais vai gerando um fluxo crescente da violência masculina sobre a mulher. E é neste momento que se instaura um abismo emocional entre os sexos (GIDDENS, 1993).

Para Gikovate (2001), o avanço tecnológico vem desencadeando um redirecionamento da energia humana que anteriormente era voltada para a resolução das necessidades básicas de

sobrevivência e, progressivamente, passa a ser governada pela realização dos desejos. Deste modo, cada vez mais a ciência e a tecnologia se encontram à serviço de melhorar a qualidade de vida e, sobretudo, torná-la ainda mais confortável através de invenções como televisão, geladeira, ar refrigerado, máquinas de lavar e secar, além do computador para fins lúdicos e práticos, entre outros milhares de inventos. No entanto, resta saber se o objetivo de melhorar a qualidade de vida por meio do desenvolvimento tecnológico tem sido atendido, visto que se tem trabalhado cada vez mais, diminuindo as horas de sono, restando pouquíssimo tempo para o lazer, que muitas vezes é gasto na frente de um computador e em relacionamentos virtuais.

Os espaços virtuais invadem cada vez mais os lares das sociedades pós-modernas, facilitando o contato entre pessoas de todo o mundo, porém, gerando a banalização das amizades (SILVA, 2013). Este fenômeno vem sendo tratado por Bauman (2003) citado por Silva (2013) em sua filosofia sobre a modernidade líquida e os relacionamentos líquidos, característicos pela falta de consistência dos mesmos.

Neste sentido, é possível perceber que o cenário atual é fortemente caracterizado pela complexidade e mutualidade das relações. Assim, as sociedades ocidentais vivem um momento de reorganização na busca por estabelecer um novo equilíbrio adaptativo. Em meio a tantas incertezas, surge, segundo Bauman (2004), o sentimento de ambivalência no tocante a criação de vínculos afetivos, pois, ao mesmo tempo em que desejam apertar os laços, necessita-se mantê-los frouxos para que possam ser desfeitos caso o cenário mude.

Vale ressaltar que as formas de amar estão interligadas com o modo de produção de cada época. Em se tratando do momento atual pelo qual atravessa as sociedades ocidentais impregnadas pela ideologia capitalista, Bauman (2004, p. 11-12) faz a seguinte colocação:

E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço.

Diante disso, verifica-se que o que outrora seria regra hoje passa a ser exceção no campo das relações amorosas, considerando que anteriormente predominavam os relacionamentos estáveis e duradouros em detrimento daqueles eventuais e descompromissados. Para Lucena (2009), a ausência de um padrão de relação afetiva mais

estável, juntamente com o enfraquecimento do modelo patriarcal, demarca a importância da confiança no amor.

Nesta perspectiva, Braga (2009) faz alguns questionamentos: Estaria o homem pós-moderno solitário diante de tantas conquistas ou estaria adoecido por escolher uma forma peculiar de exercer a liberdade que conquistou? Onde estaria a inteligência emocional do homem? Questões estas, vêm sendo objeto de estudo de várias ciências que estudam o comportamento, inclusive a Psicologia Positiva, que surge no final do século XX buscando refletir sobre temas como ciência da felicidade, afetividade positiva, otimismo, teoria da esperança, entre outros (SCHULTZ & SCHULTZ, 2005 apud BRAGA, 2009).

Em meio a tantas incertezas, faz-se necessário o desenvolvimento de estudos desta ordem que visam instigar o debate acerca de tais questionamentos que vem a colaborar para a melhor aceitação da diversidade e, sobretudo, melhorar a qualidade dos relacionamentos interpessoais de um modo geral, enfatizando os aspectos saudáveis dos mesmos.

CAPÍTULO 4:
AS FORMAS DE RELACIONAMENTO AMOROSO:
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

SONETO DE FIDELIDADE

De tudo ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Vinicius de Moraes

A grande diversidade de estudos científicos baseados no empirismo racional e pragmático acabou por negligenciar alguns temas que fazem parte do cotidiano das pessoas. Neste sentido, temas como: o amor e as relações afetivas foram marginalizados pela academia e abordados de modo banal por revistas e livros de auto-ajuda. Assim, este estudo visa a compreensão e discussão das sobre as formas de relacionamentos amorosos, desde as mais tradicionais às emergentes, a fim de colaborar com reflexões acerca da temática. Assim, este trabalho está situado no campo das relações interpessoais, com foco nas relações amorosas vividas pelo sujeito em boa parte de sua vida.

4.1 OBJETIVOS

4.1.1 Geral:

Estudar as configurações do amor ao longo da história.

4.1.2 Específicos:

- Identificar as modalidades e características de relacionamentos amorosos existentes nos dias atuais;
- Analisar a percepção dos indivíduos sobre o que é o amor;
- Classificar os aspectos considerados favoráveis e desfavoráveis nas diferentes modalidades de relacionamentos amorosos;

4.2 MÉTODO

Este trabalho é de caráter qualitativo. A pesquisa qualitativa busca uma compreensão particular daquilo que se estuda e o foco da sua atenção é centralizado no específico, no peculiar, no individual, almejando sempre a compreensão e não a explicação dos fenômenos estudados (RAMPAZZO, 2005). A escolha pelo método qualitativo se deu em função do caráter demasiadamente subjetivo do tema em questão, que dispensa generalizações e requer um aprofundamento na análise dos dados.

4.2.1 Caracterização da Amostra

O contato com os participantes se deu por acessibilidade. Segundo Gil (1988) a constituição de amostra por acessibilidade é o método menos rigoroso de todos os tipos de amostragem, pois, nele o pesquisador seleciona elementos a que tem acesso, não requerendo elevado grau de precisão.

A princípio a amostra deveria ser composta por 12 pessoas, duas (02) para cada tipo de relacionamento, sendo uma do sexo masculino e outra do sexo feminino. Porém, a coleta de dados só foi possível com 10 pessoas, devido à dificuldade de encontrar indivíduos dispostos colaborar com este estudo. Ao entrar em contato com diversas pessoas, a maioria delas afirmou não estar em nenhum relacionamento constituinte das categorias de relações amorosas pré-estabelecidas. Alguns se mostraram resistentes em participar, demonstrando sentirem-se julgadas.

Para dar início a coleta de dados foram criados alguns critérios de inclusão. Então, para compor a amostra os participantes deveriam ter entre 18 e 30 anos, estar em um relacionamento amoroso com tempo mínimo de 6 meses e máximo de 5 anos, além deste relacionamento está classificado entre uma das modalidades pré-estabelecidas: casamento/relação estável, aberto, à distância, virtual, oculto e eventual.

A amostra inicial foi composta por 2 pessoas casadas; 2 pessoas em um relacionamento aberto; 2 pessoas se relacionando à distância, sendo uma delas em uma relação homoafetiva; 1 pessoa em um relacionamento virtual; 2 pessoas em uma relação oculta e 1 pessoa com relacionamento eventual. Residentes na cidade de Campina, a escolaridade dos participantes varia entre nível médio e pós-graduação. Seis (06) dos participantes mulheres e quatro (04) homens; com idade entre 18 e 25 anos. A renda mínima destes é de 2 salários mínimos e a máxima de 6 salários mínimos.

Para fins de esclarecimento acerca das categorias de relacionamentos amorosos pré-estabelecidas a descrição sobre as características dos participantes situados em cada uma parece ser suficiente. Assim,

* *Casamento* – Nesta categoria de relacionamento foram buscadas pessoas casadas ou em união estável, aquela em que há conjugalidade, mesmo sem contrato judicial.

* *Relacionamento Aberto* – Os participantes situados nesta categoria deveriam estar em uma relação aberta, caracterizada pela abertura do casal a outras possibilidades amorosas para ambos.

**Relacionamento à Distância* – Os entrevistados localizados nesta categoria, precisariam estar se relacionando à distância (diferente cidade, estado ou país), não importando a frequência de contato presencial ou os meios utilizados na comunicação.

* *Relacionamento Virtual* – Referente a este tipo de relacionamento, os sujeitos aqui situados deveriam manter uma relação mediada por computador sem que tivesse havido contato presencial.

* *Relação Oculta* – Nesta categoria de relacionamento, os entrevistados estariam em uma relação não assumida socialmente, por motivos diversos. Um dos participantes teve suas respostas inutilizadas, por não satisfazer as necessidades dos quesitos.

* *Relacionamento Eventual* – Aqueles que constituíram esta categoria deveriam estar mantendo relações eventuais, podendo existir ou não vínculo afetivo. A única entrevistada deste tipo de relação teve suas respostas desconsideradas, uma vez que não respondia satisfatoriamente as questões.

Por fim, após a eliminação de duas (02) entrevistas, por terem as respostas consideradas insuficientes para as análises, a amostra foi constituída por 2 pessoas casadas; 2 pessoas em um relacionamento aberto; 2 pessoas se relacionando à distância, sendo uma delas em uma relação homoafetiva; 1 pessoa em um relacionamento virtual; 1 pessoas em uma relação oculta, totalizando oito (08) participantes.

4.2.2 Instrumentos de Coleta de Informações

Questionário sóciodemográfico

O questionário teve como objetivo o recolhimento de informações relativas ao perfil sócio demográfico a fim de ter conhecimento sobre o perfil do entrevistado, possibilitando um melhor entendimento da amostra no olhar do pesquisador (REA; PARKER, 2000). O questionário utilizado neste estudo conteve aspectos como: idade, sexo, estado civil, escolaridade, com quem vive/se relaciona, profissão, religião, entre outros (**APÊNDICE 2**).

Entrevista em profundidade:

Além do questionário, foi utilizada a entrevista que, segundo Minayo (2007) é uma técnica de interação social que permite obter informações com melhor qualidade e abarca tanto conhecimentos relacionados ao tema proposto, como também a relação que o informante pode ter com o mesmo. A entrevista em profundidade é, de acordo com Duarte (2005), uma forma de abordagem flexível, uma vez que o entrevistador e o entrevistado fazem um ajuste livre de perguntas e respostas, além de buscar informações, percepções e vivências dos informantes. Essa entrevista é “útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido” (DUARTE, 2005, p.64).

4.2.3 Procedimentos de Coleta de Informações

O contato com os participantes ocorreu por acessibilidade, através de pessoas conhecidas e indicações dos próprios participantes, os quais favoreceram a construção de uma rede de contatos para realização do convite para a pesquisa. Assim, o primeiro contato foi feito pessoalmente e via telefônica para apresentar os objetivos da pesquisa e o uso do Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE – APÊNDICE 1) para firmar a concordância de participação no estudo e o compromisso ético que norteará a realização da mesma. Na ocasião, também foi agendada a data para realização da entrevista. As entrevistas foram realizadas individualmente, tendo como base o roteiro (APÊNDICE 3) elaborado. O local de realização das entrevistas foi estabelecido conforme a conveniência dos participantes, desde que fossem locais em que não houvesse interrupção no momento da entrevista, as quais foram gravadas na íntegra para posterior transcrição e análise.

4.2.4 Procedimentos na Análise de Informações

Todas as entrevistas foram transcritas integralmente e submetidas ao método de Análise de Conteúdo. Este método é definido por Rey (2002) como uma técnica que se apóia na codificação da informação em categorias para dar sentido ao material estudado.

Bardin (1977) apud Goulart (2006, p. 160) afirma ainda que a análise de conteúdo é:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos, a descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Deste modo, a análise de conteúdo visa captar o conteúdo manifesto, sem permitir que a subjetividade do pesquisador atribua uma interpretação sua ou um sentido pessoal à mensagem transmitida. Além disso, é necessária uma postura empática por parte do pesquisador, uma vez que o aproxima das pessoas e de suas produções, que o permita analisar a partir do ponto de vista do outro não recorrendo à intuição (GOULART, 2006).

4.2.5 Considerações Éticas

O projeto foi submetido ao Comitê de ética em Pesquisa da UEPB, com o intuito de cumprir todos os procedimentos exigidos para a realização de pesquisa com seres humanos, de acordo com a resolução 196/96 do Ministério da Saúde. Foi assegurado o anonimato dos participantes, bem como a confidencialidade das informações prestadas pelo preenchimento dos instrumentos, codificados com um número de identificação, sem qualquer referencial nominal.

4.3 RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÕES

4.3.1 - Dados sociodemográficos dos entrevistados

Tipo de Relacionamento	Numero de entrevistados	Sexo	Idade	Tempo de relacionamento	Escolaridade
<i>Casamento</i>	2	<i>M</i> <i>F</i>	25 25	<i>4 anos</i> <i>1 ano e 6 meses</i>	<i>Superior Comp.</i> <i>Superior Incom.</i>
<i>Rel. Aberto</i>	2	<i>M</i> <i>F</i>	21 18	<i>6 meses</i> <i>4 anos</i>	<i>Ensino Médio</i> <i>Superior Incom.</i>
<i>Rel. à Distância</i>	2	<i>M</i> <i>F</i>	25 22	<i>6 meses</i> <i>7 meses</i>	<i>Pós-Graduação</i> <i>Superior Incom.</i>
<i>Rel. Virtual</i>	1	<i>F</i>	22	<i>1 ano</i>	<i>Superior Incom.</i>
<i>Rel. Oculta</i>	1	<i>M</i>	22	<i>1 ano</i>	<i>Superior Incom.</i>

Após a exposição sobre o perfil sóciodemográfico dos participantes do estudo serão apresentados, na sequência, os resultados pertinentes aos objetivos específicos deste estudo.

Neste sentido, a fim de cumprir com o objetivo de ‘*analisar a percepção dos indivíduos sobre o que é o amor*’, o primeiro resultado a ser apresentado trata sobre a Percepção do Amor.

4.3.2 – Percepção do amor:

Pautando-se no objetivo de investigar a percepção dos sujeitos entrevistados acerca do amor foi possível a construção de cinco categorias, sendo elas, amor como: *construção progressiva; completude, aceitação e cuidado; e altruísmo*. Dentre as categorias citadas, as que tiveram maior número de respostas foram a *construção progressiva* e a *completude, aceitação e cuidado*.

a) **Construção Progressiva**

No que diz respeito à construção progressiva, os entrevistados que tiveram suas respostas situadas nesta categoria apontaram o amor como sendo construído a cada dia, ou seja, proveniente de certo tempo de relacionamento e conseqüente intimidade por parte de ambos. Assim, para estas pessoas o amadurecer da relação ocasiona amor, proporcionando ao casal carinho e respeito, conforme pode ser observado nos trechos abaixo:

“Pra mim o amor é um conjunto de coisas, é o resultado de uma relação construída com o tempo, eu não acredito que tipo, você conhece a um mês e já ama, eu não acredito em quem ama muito rápido, eu acho que é uma construção através do conhecimento. É carinho, respeito, é ... questão de simplicidade pra você mostrar quem você é, e a outra pessoa também mostrar quem é para os dois se conhecerem”
(Mulher, 22 anos, estudante, em uma relação oculta).

“E o amor é construído a cada dia, é necessário empenho de ambas as partes para que os dois entrem em um determinado consenso sobre determinada questão”
(Homem, 21 anos, aux. administrativo, em um relacionamento aberto)

Levando em consideração esta categoria, Pretto *et al* (2009) afirma que o amor implica sínteses reflexivas a partir da história de vida de cada um. Contraindo um caráter de duração e permanência, de adaptação e equilíbrio, a atração e a paixão acontecem em um plano mais irrefletido. Sendo assim, a vivência da afetividade depende da história de cada sujeito. Neste sentido, é possível verificar que esta compreensão sobre o amor decorre de uma relação entre amor e temporalidade, é o decorrer do tempo que determina a permanência ou o desaparecimento da atração/paixão inicial.

b) Completude, aceitação e cuidado

Pretto *et al* (2009) afirma ainda que o amor é fruto de experiências prazerosas, que vai se constituindo a partir de sínteses constantes e dinâmicas de consciências satisfatórias e positivas, como alegria, admiração, atração, paixão, desejo, solidariedade, cumplicidade, que se configuram como cuidado com o outro, carinho, preocupação e companheirismo, sob a influência do contexto cultural e pelo desejo de ambos. Tal colocação vem a corroborar a percepção de amor apresentada nesta segunda categoria, na qual o amor é definido como *Completude, aceitação e cuidado*.

Os entrevistados situados nesta categoria citam a completude, a aceitação e o cuidado como elementos fundamentais em uma relação, além de serem responsáveis pelo bem-estar e a manutenção do amor.

“O amor é isso que eu vivo com meu bem, no caso assim, é o fato de você tá com o outro e você poder cuidar da outra pessoa, se dedicar de alguma forma integralmente a ela, de aceitá-la como ela é, apesar de tudo, de todos os defeitos, amar ela do jeito que ela é. É cuidar, é tá junto, mesmo que não fisicamente. (...)É a pessoa de alguma forma lhe completar nas suas necessidades e desejos, e sonhar os mesmos sonhos que você, e querer fazer as mesmas coisas que você e com você”. (Mulher, 22 anos, estudante, em um relacionamento à distância).

“Mas é você buscar no outro formas de te fazer bem e proporcionar ao outro prazer, de fazer ele bem na união, os dois juntos buscando um objetivo. Do meu ponto de vista amar é, ver no outro qualidades, mesmo tendo tantos defeitos como os humanos tem, mas mesmo assim se completar, com isso você ser feliz e fazer o outro feliz”. (Mulher, 25 anos, estudante, casada)

No tocante à completude, a teoria da expansão do eu (ARON e ARON, 1996) justificam o sentimento de unidade vivido pelos casais à medida que indicam ser comum ocorrer a paixão por pessoas a quem se admira. Deste modo, o vínculo amoroso proporciona ao sujeito a incorporação de tais qualidades admiráveis, de modo a integrar determinadas características ao eu (AMÉLIO, 2001). Assim, remetendo-se aos ideais do amor romântico, Giddens (1993) afirma que o outro acaba por preencher um vazio, muitas vezes desconhecido pelo indivíduo. Assim, estabelecida a relação amorosa, o sujeito fragmentado passa a se sentir inteiro. Portanto, essa categoria de resposta demonstra que apesar de tantas críticas direcionadas ao amor romântico, ainda identificamos resquícios deste diferentes formas de relações amorosas nos dias atuais.

De acordo com Giddens (1993), o amor romântico se projeta em dois sentidos: 1) apoia-se no outro idealizando-o; 2) projeta um curso do desenvolvimento futuro. Apesar de

existirem duas perspectivas, a maioria dos críticos volta-se para a primeira abordando o caráter fantasioso e sonhador do romance. No entanto, Giddens parte da segunda perspectiva, pois, para ele o romance moderno contrasta com as histórias românticas medievais nas novelas românticas modernas.

A heroína encontra e entenece o coração de um homem que inicialmente mostra-se indiferente e distante dela, ou ainda abertamente hostil. A heroína então ativamente produz amor. O seu amor faz com que ela seja amada, dissolve a indiferença do outro e substitui o antagonismo por devoção. (GIDDENS, 1993, p. 57)

Nesta conjuntura, é possível perceber que o amor romântico se apresenta nas relações com uma nova “cara”, uma vez que se apresenta de modo ativo e com o sentido de busca, onde a auto-identidade espera sua validação a partir da descoberta do outro.

Com relação à aceitação, este é um elemento de grande valia no relacionamento, já que possibilita o crescimento e valorização do eu através de uma relação desprovida de ameaças. Além disso, traz a relação um caráter autêntico e igualitário, o que vem a ser bastante salutar para ambas as partes (ROGERS & KINGET, 1977).

O cuidado é tratado por Boff (1999) como sendo mais que um ato, uma atitude, pois abrange mais que um momento de atenção, representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro. Assim, para cuidar não basta agir como se cuidasse, pois tal atitude deve surgir de modo natural, pois não é algo que possa ser forjado, sem que seja percebido. Boff afirma ainda que o cuidar do outro implica em um grande esforço de superar a dominação dos sexos a fim de inventar relações que propiciem a manifestação das diferenças não mais entendidas como desigualdades, mas como riqueza da única e complexa substância humana. Neste sentido, cria-se espaço para uma experiência mais global e integrada em relação à própria humanidade, acarretando uma maneira mais cuidada de ser.

c) Altruísmo

Esta categoria inclui a resposta de apenas um dos participantes desta pesquisa. Segundo Hoffman, Silveira e Polydoro (2010), o termo altruísmo foi trazido para as ciências sociais pelo filósofo e sociólogo francês Augusto Comte, como sendo o antônimo de egoísmo. O termo altruísmo deriva do latim “*alter*” (outro), neste caso, se fosse literalmente traduzido

seria pronunciado “outro-ismo”. Um estudo relatado por Hoffman, realizado nos anos de 1980 e 1990 apontam relações entre a personalidade altruística e níveis de empatia. Assim, quanto maior a capacidade do sujeito de se colocar no lugar do outro, maior seu nível de altruísmo.

Dalai Lama (1935, p. 35) refere-se ao altruísmo como sendo uma boa atitude

Um sentimento que temos quando, defrontamos com a escolha entre nossa própria felicidade e a do outro, optamos pela felicidade alheia. Acalentar os interesses do próximo em detrimento do nosso é algo que não pode ser desenvolvido imediatamente; é necessário um treinamento.

Nesta mesma direção, Gikovate (2006) afirma que a atitude altruísta faz o indivíduo sentir-se bem em sua auto-estima e feliz por fazer parte de um grupo no qual a ajuda acontece. Ele acrescenta ainda que a isso está ligado o aconchego, que se consitui enquanto uma recompensa gratificante.

A partir disso, observamos na fala da entrevistada o interesse, acima de tudo, no bem estar do outro:

“O amor pra mim é quando acima de tudo você quer o bem da outra pessoa, mesmo que você a ame muito, mesmo que você queira ela do seu lado, você acima de tudo quer que ela seja feliz, mesmo que não seja com você. É igual aquela frase de Dalai Lama que diz: Dê asas a quem você ama, raízes para voltar e motivos para ficar”. (Mulher, 18 anos, estudante, em um relacionamento aberto)

O relato desta entrevistada denota a abdicação de sua vontade em função do outro, como ela própria afirma “mesmo que você queira ela [a pessoa] do seu lado, você acima de tudo quer que ela seja feliz”. Pensando nisto, é possível dizer que a postura da estudante favorece o estabelecimento e a manutenção de um relacionamento aberto, tendo em vista a liberdade ofertada em troca da satisfação alheia. Além disso, esta forma de amor expressada pela jovem aproxima-se de um dos estilos secundários de amor, citado na *teoria tipológica do amor*, que se caracteriza pelo altruísmo e pela doação excessiva ao companheiro.

Considerando as diferentes formas de perceber o amor, acreditamos haver por parte dos entrevistados diferentes expectativas em relação a este. Assim, o segundo tema abordado neste estudo foi o que as pessoas buscam em seus relacionamentos amorosos.

4.3.3 Expectativas nos relacionamentos amorosos

Ao serem questionados sobre o que se busca em um relacionamento amoroso, a grande maioria dos entrevistados mencionou elementos situados na categoria *apoio social*. Os demais foram situados nas outras duas categorias: *estabilidade afetiva* e *confiança*.

a) Apoio social

O ser humano é um ser social, pois, desde os primeiros minutos de vida é inserido na sociedade, inicialmente na família, e aos poucos vai ampliando suas redes sociais, através da entrada na escola, posteriormente no círculo de amizades, e assim sucessivamente. Assim, é natural que em suas relações amorosas busquem *apoio social*, que segundo Caplan (1974) citado por Griep (2013), é um sistema formado por relações formais e informais através do qual um indivíduo recebe ajuda emocional, cognitiva e material para enfrentar situações geradoras de estresse. Cobb (1976) apud Griep (2013) acrescenta ainda o apoio social como sendo a informação que leva o indivíduo a acreditar que é querido, amado e estimado, e que faz parte de uma rede social com obrigações mútuas. Isto pode ser observado através da fala abaixo:

“Eu busco em um relacionamento um companheiro, uma pessoa que divida dos meus sonhos e que eu comungue dos dele também e juntos, ele com os projetos dele, e eu com os meus, a gente caminhe em busca deles. O que eu busco em um relacionamento é isso, não é complementar a palavra, eu ajudar ele a seguir o caminho dele em busca dos projetos dele, e ele me ajudar a conseguir também os meus objetivos. O que eu busco no meu relacionamento é isso, ajudar o meu marido a conseguir os seus projetos, e quando eu falo projetos, eu falo projetos no âmbito financeiro, e também espiritual e intelectual”. (Mulher, 25 anos, estudante, casada).

“(...) saber entender as qualidades e os defeitos da outra pessoa, enfim, eu não sei explicar (...) Eu quero, espero fazer alguém feliz e ser feliz (...) eu busco num relacionamento também, pensar em construir uma vida, como é que eu posso falar... os benefícios à longo prazo, na construção ... a gente não pode viver sozinho”. (Mulher, 22 anos, estudante, em uma relação oculta)

Considerando que o *apoio social* se dá a nível emocional, cognitivo e material, é possível visualizar nos trechos acima estas várias facetas do apoio social. Isto porque, de certo modo relaciona-se com a *estabilidade* buscada por parte dos entrevistados, já que esta é um meio de adquirir segurança e bem-estar.

b) Estabilidade

Entre os entrevistados a estabilidade é o segundo elemento mais buscado no relacionamento. Para Jiddu Krishnamurti (1992) quando dependemos psicologicamente do outro este se torna essencial e isto faz com que o sujeito se oponha a alteração/mudança, pois, supõe que de tal pessoa depende o seu bem-estar e a segurança psicológica. O filósofo afirma ainda que:

Embora intelectualmente percebamos que a vida é um processo de fluxo contínuo, de mutação com necessidade de transformações constantes, emocional ou sentimentalmente nos apegamos aos valores estabelecidos e confortáveis; daí haver uma constante batalha entre a mudança e o desejo de permanência (KRISHNAMURTI, 1992, p. 12)

Neste sentido, a necessidade de estabilidade surge do desejo de conservar determinada pessoa, bem como a relação considerada satisfatória, já que a mudança oferece riscos, podendo ser positiva ou negativa. Este movimento de encontro à mudança é estudado por Krishnamurti (1992) como sendo um problema, visto que, por vezes, as pessoas por se sentirem enriquecidas, criativas e ativas com o outro, conseqüentemente, receiam perder esse outro, podendo acarretar problemas relacionados a temores possessivos.

Quando o sujeito se abstém de mudanças corre o risco de estagnar-se, deixando de desfrutar de novas experiências em função do medo de não ter suas expectativas satisfeitas. Contudo, o que foi observado entre aqueles entrevistados que mencionam buscar a estabilidade não é o medo da mudança, mas, a necessidade de segurança, de equilíbrio, de estabelecimento da *confiança* e da construção de uma história a dois, conforme pode ser visto nas falas abaixo, bem como em outras falas remetidas a outros temas, porém onde este conteúdo (estabilidade) se faz presente.

“(...) a estabilidade que a maioria, ou pelo menos eu quero, essa estabilidade, essa seriedade no meu relacionamento, que vem a evoluir sempre para algo mais honesto, mais sério e mais sincero”. (Homem, 25 anos, Jornalista, em um relacionamento homoafetivo à distância)

“Estabilidade, respeito, união que é importante, responsabilidade e uma pessoa que tenha a mente aberta. Busco também uma pessoa que queira viver em família, mas tipo só para relacionamento duradouro, mas como eu não estou no pensamento ligado a isso no momento”. (Homem, 21 anos, aux. administrativo, em um relacionamento aberto).

Ao observar os trechos acima é possível perceber que representam um recorte da vida sujeitos, daí uma aparente incoerência na segunda fala, onde o entrevistado mantém um relacionamento aberto, e afirma buscar uma pessoa que deseje viver em família. Tal resposta parece representar o momento vivido pelo sujeito, em que vive um relacionamento aberto, mas com perspectivas (desejo) de um relacionamento duradouro e estável no futuro. As percepções e expectativas dos entrevistados sobre o amor revelam parte de suas experiências vividas e atuais, assim, os conteúdos expostos neste estudo poderiam/poderão situar-se em outras categorias em outro momento do sujeito e, na mesma direção, as categorias também não devem ser fixas e imutáveis.

c) **Confiança**

A respeito desta temática Lucena (2009) afirma que nos dias atuais o vínculo amoroso tem sido remodelado a partir dos processos de individualização e confiança, considerando que com a revolução sexual as possibilidades de rompimento dos relacionamentos se ampliaram, dando às relações um novo formato e encorpando o sentimento de confiança.

A confiança para Mollering (2001) apud Lucena (2009) trata-se de um estado de expectativa favorável relacionada às ações e intenções de outros indivíduos. Além disso, a confiança está diretamente ligada à fé das pessoas e a ideia de que uma promessa é uma palavra que deve ser cumprida (ROSENBERG, 1956 apud LUCENA, 2009, p. 38).

Deste modo, em se tratando do elemento confiança vejamos o relato a seguir:

“(...) se não tiver confiança não adianta, porque a pessoa não pode mentir, se você confia nela é porque ela é fiel. (...) Um casal nunca tem a vida igual, mas a confiança vem em primeiro lugar”. (Mulher, 18 anos, estudante, em um relacionamento aberto)

Ao longo deste estudo, as informações obtidas evidenciam cada vez mais a interligação entre as respostas fornecidas sobre os aspectos abordados. É preciso destacar que tais elementos não são excludentes, pois uma mesma pessoa pode ter em sua resposta aspectos de duas ou mais categorias, as quais são criadas para fins de análise. Deste modo, é possível que uma pessoa busque em seu relacionamento mais de um dos elementos citados nas categorias, por exemplo, estabilidade e confiança. Aliás, cabe destacar que em alguns trechos

é possível notar sutilezas de conteúdos que remeteriam à conteúdos de outra categoria, como a busca da confiança como meio de encontrar e sentir estabilidade na relação, ou vice-versa.

A fim de compreender melhor sobre a percepção acerca do amor e da relação amorosa vivida por cada um dos participantes, analisaremos a seguir as considerações destes sobre os benefícios encontrados na relação amorosa, de modo a contemplar o objetivo de *classificar os aspectos considerados favoráveis na relação*.

4.3.4 Aspectos favoráveis da relação amorosa

Na investigação referente aos benefícios alusivos às relações amorosas os conteúdos extraídos se assemelham ao de respostas dadas sobre a percepção do amor. Contudo, verifica-se que existe coerência em grande parte das informações obtidas, pois os sujeitos apontam como benefícios da relação, elementos relacionados ao que buscam na mesma.

Levando em consideração os dados coletados referentes ao tema, surgiram três categorias de respostas: *Apoio social*, *Aceitação incondicional* e *Diálogo*. Algumas destas categorias já foram abordadas no decorrer destas análises, na discussão de outros temas.

a) Apoio Social

Como já foi dito anteriormente, o apoio social é de fundamental importância na vida do sujeito pelo fato do mesmo ser um ser social. Diante disso, é possível dizer que o apoio social sustenta o indivíduo, dando sentido a sua existência, como podemos observar nas falas abaixo:

“(...) sentir segurança, é ter carinho pela aquela pessoa, eu gostar de estar com aquela pessoa, mas sem ser pegajoso, tipo 24 horas. Tá entendendo? Mas que os momentos que tenhamos sejam intensos. Uma pessoa que esteja disposta a cuidar de mim, assim também como eu vou cuidar dela e, juntos, criaremos o que seria uma família, no caso, é que hoje em dia com a independência da mulher a responsabilidade não fica só no homem não, essa responsabilidade aí se destina aos dois, então, cada um tem que procurar fazer sua parte em relação a isso (...)
(Homem, 21 anos, aux. administrativo, em um relacionamento aberto)

“(...) confiança e retorno sentimental. Tenho uma esposa maravilhosa e que me apoia em todos os meus projetos. Conseguimos sonhar e planejar juntos, dessa forma ela se torna meu combustível, minha motivação”. (Homem, 25 anos, administrador, casado).

A primeira fala transcrita acima traz à discussão as transformações pelas quais tem passado as relações amorosas, as quais foram fortemente marcadas pela emancipação da mulher decorrente de sua entrada no mercado de trabalho, bem como sua independência financeira e emocional. Durante centenas de anos a mulher permaneceu enclausurada dentro de sua própria casa, anulando-se em função do marido e dos filhos. No entanto, hoje, segundo Touraine (2006), ocorre uma situação inversa, uma vez que as mulheres envolvem a todos em direção a uma nova prioridade, a construção de si própria. As conquistas alcançadas pelas mulheres ocasionaram uma quebra de paradigmas, pois, esta já não está mais fadada a manter o relacionamento com o mesmo ou único homem até o fim de seus dias. Pelo contrário, a mulher conquistou também a liberdade de entrar e sair de um relacionamento a fim de obter sua satisfação. Diante disto, verifica-se um dos possíveis fatores que contribuíram para o crescimento no número de divórcios, pois, agora o que sustenta a relação de grande parte dos casais é a satisfação, e não mais, ou apenas, as obrigações sociais ou religiosas.

A obtenção da satisfação passa pela construção de uma relação permeada por outros aspectos, como o sentimento de aceitação e o estabelecimento de diálogo, tal como foi verificado nas categorias a seguir.

b) Aceitação Incondicional

A aceitação incondicional expressa pelos entrevistados é aqui manifesta em respostas com elementos diferentes, mas que apontam para a mesma direção: a necessidade de aceitar e de ser aceito.

“(...) o fato de ele me aceitar como eu sou, me amar do jeito que eu sou, assim, com todos os defeitos que eu tenho, que pra ele não existe. (...) saber que posso ser quem eu sou, sem eu precisar me negar, sem eu precisar negar um comportamento, alguma forma de falar, de agir, por eu poder ser eu mesma, é isso.” (Mulher, 22 anos, estudante, em um relacionamento à distância)

*“Por incrível que pareça ele não terminou os estudos, ele é dez anos mais velho que eu, fala muito errado, escreve errado demais, é arrogante, ignorante, briguento, ciumento, mas, eu não sei porque eu gosto dele. **Mas, uma coisa que eu gosto dele é que ele é muito engraçado, se você sentar perto dele você não fica de boca fechada não, porque ele é muito engraçado, ele me faz bem, de uma certa forma, apesar de já ter me feito chorar muito por coisas que ele fez, por presepadas, cachorrada dele, mas ele me faz muito bem**”. (Mulher, 18 anos, estudante, em um relacionamento aberto)*

Na primeira fala fica evidente a importância de ser aceita sem a necessidade de camuflar-se para o outro; a importância de mostra-se por inteira e sentir-se amada tal como é. Entretanto, na segunda fala, quando a entrevistada aponta o fato de aceitar o seu par, apesar dos comportamentos incômodos dele, ela ressalta que “uma coisa” (em destaque) ela gosta nele, levando-nos a supor que ela não aceita as demais características descritas em tom de crítica. Além disso, ela também indica que ele a “faz bem, de uma certa forma” (em destaque), apesar de tê-la feito chorar, também indicando seu incomodo. Neste sentido, identificamos contradições na fala da entrevistada indicando que, apesar dela apontar a importância de aceitar o outro como é, e de afirmar que ela o aceita, parece-nos que não há uma aceitação, mas ela o suporta pelo bem estar proporcionado pelo bom humor dele, ou por outros benefícios ou necessidades dela aqui não identificadas, mas possíveis de existir e fomentar a relação.

c) Diálogo

Nesta categoria somente uma pessoa elencou o diálogo como algo que lhe faz bem na relação amorosa. Para o entrevistado é o diálogo que possibilita a resolução de conflitos e, conseqüentemente, acarreta crescimento para o casal. Observemos o trecho a seguir.

“A sinceridade, o entrosamento, a conversa, o diálogo que a gente tem sempre, mas como todo relacionamento tem suas desavenças, e como são duas pessoas tem suas diferenças também, mas sempre se tem um problema conversa, discute e depois conversa e a gente fica bem, e só faz alimentar mais essa nossa união, esse nosso relacionamento, esse carinho.” (Homem, 25 anos, Jornalista, em um relacionamento homoafetivo à distância)

O que diferencia o ser humano dos outros animais é a capacidade de pensamento e comunicação através da linguagem. É a linguagem que possibilita ao homem estruturar-se simbolicamente e atribuir significação às suas ações. Assim, pode-se dizer que o homem se constitui enquanto fala e se comunica (CÁRDIAS, 2006).

Segundo Cárrias (2006) ao adentrar um diálogo cria-se uma comunhão, criam-se novos encontros humanos onde impera a espontaneidade das perguntas e respostas. Além disso, é o momento em que o sujeito se permite ser e dizer para o outro, enfim, revelar-se. Luhmann (1991, apud LUCENA, 2009, p. 155) trata o amor como sendo um código simbólico que anuncia o êxito na comunicação, afirmando que “os amantes podem manter uma conversa

interminável com o outro, uma vez que tudo o que é vivido é digno de ser comunicado, pois encontra ressonância comunicativa”.

Isto denota a importância da comunicação para a relação amorosa, ou mesmo para qualquer relacionamento interpessoal, uma vez que é por meio deste que os envolvidos descobrem suas afinidades e conhecem um ao outro, o que leva ao desenvolvimento do vínculo afetivo.

Contudo, as sociedades ocidentais se encontram em meio à revolução tecnológica, que trouxe consigo inúmeras mudanças para os meios de comunicação. Com isso, tem-se feito uso exacerbado do que Portela (2011) chamou de CMC (Comunicação Mediada por Computador) que, segundo ele, cada vez mais vem substituindo a relação direta entre as pessoas. Esta modalidade de comunicação/relação amplia as possibilidades de comunicação, que passa a não mais exigir a presença do outro e a facilitar o contato à distância, podendo atrofiar a capacidade de expressão do sujeito, assim como o músculo atrofia com a falta de uso.

Assim como são percebidos benefícios nas diferentes modalidades de relação amorosa, também são identificados incômodos, os quais serão discutidos a seguir. Neste sentido, esta categoria de análise visa classificar os aspectos considerados desfavoráveis no relacionamento.

4.3.5 Aspectos desfavoráveis do relacionamento

No que diz respeito à questão dos incômodos na relação foi possível observar um grande diversidade de conteúdos, já que os tipos de incômodos estão diretamente ligados a determinadas condições derivadas do tipo de relacionamento em que se encontra o sujeito.

a) Diferenças interpessoais

Dentre os entrevistados, a maior parte alega se sentir incomodado com as divergências na relação, sendo estas muitas vezes geradoras de conflitos entre o casal. A intolerância diante das divergências surge “porque cada divergência nos lembra que o outro não é a continuação de nós, que ele tem vida independente da nossa, que somos fração, e nos lembra a condição de desamparo da qual estamos tentando nos livrar por meio da fusão amorosa” (GIKOVATE, 2006, p. 50). Neste sentido, as diferenças vão de encontro aos ideais de completude, já que o sujeito espera que o objeto de amor tenha pontos de vista, gostos e anseios semelhantes aos

seus. Assim, as falas abaixo ilustram algumas diferenças interpessoais que podem afetar a relação.

“Eu e minha esposa possuímos perfis psicológicos muito parecidos. Porém, como sou extrovertido e ela introvertida, em alguns momentos da nossa relação, temos certa dificuldades de comunicação. Consigo lidar bem com isso, mas, sem dúvidas, isso é o que mais me incomoda. (...) essa diferença que possuímos é justamente o que torna nosso relacionamento mais interessante, pois gera um estímulo maior em ambas as partes para melhorarmos nossa relação”. (Homem, 25 anos, administrador, casado)

“E eu acho que o que atrapalha no casamento da gente é mais isso, [ele ser muito metódico], (...) mas ele é muito de planejar tudo, e eu vivo o dia, eu vivo o hoje, eu vivo o agora. Ele não, ele quer viver amanhã, tudo dele é pra depois”. (Mulher, 25 anos, estudante, casada)

“(...) e às vezes é só porque ele é assim meio cabeça dura sabe? E eu também, aí às vezes a gente discute por besteira, por opiniões, entendeu? Mas fora isso, não tem nenhum problema”. (Mulher, 22 anos, estudante, em um relacionamento virtual)

As falas apresentadas denotam diferenças interpessoais que, segundo os entrevistados, são incômodos na relação. Apesar das diferenças entre os casais ser aqui apontada como o principal incômodo na relação, isto não parece representar um problema para o casal. Aliás, algumas falas indicam o esforço para superar as diferenças, que acabam tendo um sentido positivo para o relacionamento.

A busca para a superação dos incômodos decorrentes das diferenças indica um movimento interessante nas relações, que é a busca do equilíbrio, da conciliação e a valorização das demais características do outro.

b) Distância

A distância foi apontada como elemento mobilizador de incômodo no relacionamento daqueles que matem relações à distância e/ou virtual. O relacionamento à distância produz stress psicológico e relacional, dependendo da natureza da separação e da capacidade de adaptação do indivíduo, podendo inclusive gerar depressão e ansiedade nos parceiros. Por outro lado, esse distanciamento pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia e da individualidade, promovendo a proximidade afetiva do casal (COLAÇO, 2009).

“O que me desagrada, assim, não é nele, é o fato da gente tá distante. De alguma forma eu também tento ver pelo lado positivo, que eu acho que é como se fosse um estágio, uma fase, um degrau, que a gente tá atravessando, então só o fato de a gente não poder tá todo dia perto, mas eu vejo pelo lado positivo também o fato de eu me sentir acompanhada eu não me sinto sozinha, então, todo minuto é como se ele tivesse do meu lado, é como se ele tivesse aqui escutando o que eu to falando sobre ele e morrendo de rir”. (Mulher, 22 anos, estudante, em um relacionamento à distância)

“(…) a questão da distância que no momento a gente tá enfrentando incomoda bastante, mas isso não chega a atrapalhar, pois em breve será um problema resolvido”. (Mulher, 22 anos, estudante, em um relacionamento virtual)

No primeiro trecho citado é possível observar elementos de uma boa capacidade de adaptação da entrevistada, visto que ela consegue extrair o que há de positivo na relação. Isto a auxilia no enfrentamento da separação física e, assim, para ela, a distância não representa um empecilho em seu relacionamento. Na segunda fala fica evidenciado que existe um incômodo frente à distância, que parece suportável por estar prestes a ser solucionada. Neste último caso, observamos que a distância é possível quando provisória e justificável.

c) Indefinição da relação

A indefinição da relação foi sentida como incômodo para uma das entrevistadas que vive uma ‘relação indefinida’. Segundo ela, afeta o *modus operandi* de seu relacionamento amoroso, pois em determinadas situações ambos encontram-se meio “perdidos” em relação a melhor atitude a ser tomada, pelo fato de não estar claro o tipo de relacionamento em que estão inseridos.

“Assim, tem uma coisa que é meio um entrave, como nós não assumimos a ninguém, a gente não sabe como se comportar tipo: o ciúme, tu curtiu a foto de fulaninho no facebook, aí ele fica com ciúme, mas não sabe dizer não, não curta mais não, como se ... Ai é isso que eu não gosto muito, a parte que a gente não pode cobrar um do outro, e não saber agir em algumas situações”. (Mulher, 22 anos, estudante, em uma relação oculta)

Por vezes uma relação indefinida pode gerar incômodos como o descrito na fala desta participante e uma possível explicação para isso é o fato de o ser humano ter a necessidade de classificar, inclusive no campo das relações amorosas. Tal classificação é uma forma de situar-se no mundo, nas relações e em relação a si próprio, pois esta classificação acaba sendo um importante elemento constituinte da própria identidade. Tudo é classificado, os animais, as

frutas, os objetos, os locais. Assim, a falta de classificação no relacionamento causa incômodo por ser o ‘não lugar’. A ausência de um lugar definido na vida do outro pode ter implicações na vida dos indivíduos, pois corresponde a uma situação adversa, que dificulta, inclusive, o situar-se no cotidiano de outras suas relações sociais, afetivas e amorosas.

d) Aproveitar-se das fraquezas do outro

Aproveitar-se das fraquezas do outro foi um aspecto apontado como desagradável por somente um dos entrevistados, pois para ele esta é uma atitude inaceitável. Atitudes como esta, vão de encontro à confiança e o respeito, aspectos citados em outras categorias como sendo de fundamental importância para a construção da relação amorosa e sua manutenção.

“(...) procurar se sobrepor nos pontos fracos do outro, por exemplo, nessa relação que eu tava ainda pouco né, uma das, a menina usufruiu do meu lado bom, ela viu que eu queria tá apoiando, queria tá cuidando se pintasse algum problema, (...) tipo querer inventar doença só para eu tá perto dela”. (Homem, 21 anos, aux. administrativo, em um relacionamento aberto)

No caso da resposta apresentada, verifica-se que o sujeito vivencia a mágoa de ter se sentido explorado em função de sua “boa vontade”, fato este que segundo ele ocorreu recentemente. Assim, vale ressaltar que este tipo de atitude se constitui enquanto uma forma de “minar” a relação, visto que as mentiras geram desconfiança e conseqüentemente desestrutura o relacionamento.

e) Uso de bebida alcoólica

Esta última categoria traz o *uso de bebida alcoólica* como bastante desagradável na relação amorosa para uma das entrevistadas. A jovem relata no trecho abaixo seu incômodo diante de atitudes tomadas pelo namorado a partir do uso da droga.

“Ele bebe muito, é uma coisa que me desagrada bastante. Porque é aquela coisa, sempre quando você bebe, você perde o controle, você perde a noção do que você tá fazendo e do que você vai fazer e sempre as nossas brigas começam na hora que ele começa a beber, porque eu já sei que ele vai fazer alguma besteira”. (Mulher, 18 anos, estudante, em um relacionamento aberto)

Esta questão faz alusão a um tema bastante discutido nos dias atuais, a violência contra a mulher. Grande parte dos casos que incluem a violência física ou psicológica que envolve a mulher e seu companheiro tem influência de drogas, lícitas ou ilícitas. Na maioria das vezes a mulher acredita que o homem vai mudar com o casamento, ou que os efeitos do álcool não ultrapassarão as discussões verbais e vexames em público. Contudo, não é bem isso que acontece. Geralmente, os efeitos da bebida se agravam ainda mais, sendo degradante tanto para o sujeito quanto para os que estão ao seu redor.

Pesquisas recentes realizadas pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) apontam que grande parte dos casos de violência doméstica estão associadas ao consumo de bebidas alcoólicas (CEBRID, 2002). Diante do que foi dito, é preciso frisar que o uso abusivo de bebidas alcoólicas corresponde a um problema de saúde pública, passível de ser estudado em um nível mais profundo objetivando o tratamento e a prevenção contra o alcoolismo.

Além dos aspectos até aqui analisados, cabe neste momento analisar, segundo a ótica dos entrevistados, como a sociedade percebe cada forma de relacionamento. Assim, a categoria seguinte contribui para que seja possível *identificar as modalidades e características de relacionamentos amorosos nos dias atuais* a partir das discussões que seguem.

4.3.6 A sociedade e as diferentes formas de relação amorosa

A última pergunta direcionada aos entrevistados é referente ao modo como estes acreditam que sua forma de relacionamento é vista pela sociedade. As respostas contidas nesta questão são demasiadamente particulares, não assemelhando-se em nada uma com a outra, por isso estas respostas não serão submetidas à análise de conteúdo, mas discutidas cada uma delas. Assim, as categorias indicadas foram criadas a priori, a partir da classificação do tipo de relacionamento de cada participante.

a) Relacionamento Aberto

O relacionamento aberto é caracterizado como uma forma de amor livre, onde o casal tem um laço afetivo, porém estão abertos ao possível envolvimento com outras pessoas. Isto

ocorre com o consentimento de ambos, neste caso não há infidelidade ou traição, sendo a abertura da relação pertencente à filosofia do casal.

Rogers (1987) tratou deste assunto ao falar sobre comunas, uma espécie de comunidades com um estilo de vida alternativo e autossuficiente em que as pessoas relacionam-se livremente. Para ele, esta forma de amor alivia a pressão causada pela necessidade de ser único para a outra pessoa. O autor acrescenta ainda que “para muitas pessoas mais velhas isso talvez pareça indicação de grande fraqueza, confusão, falta de metas claras. Mas é a fraqueza da árvore nova, não é a fraqueza do tronco morto” (ROGERS, 1987, p. 155). Com isso, Rogers quis dizer que em meio a tantos erros e inconstâncias, os jovens vêm buscando um novo modo autêntico de vida, fugindo da hipocrisia de disfarçar ou fingir que não há ligação com outras pessoas quando de fato há.

Por outro lado, Bauman (2005) aborda a problemática dos relacionamentos abertos afirmando que tal abertura jamais calará a constante pergunta geradora de ansiedade: “e se a outra pessoa se aborrecer antes de mim?”. Esta pergunta estará sempre presente uma vez que tendo tamanha liberdade o risco de que a outra pessoa se vá é eminente.

O trecho apresentado abaixo pertence a um jovem que mantém um relacionamento aberto, o qual ressalta que, para ele, a sociedade enxerga esta forma de relacionamento amoroso como uma situação de vulnerabilidade, pois, ao envolver-se com várias parceiras a probabilidade de adquirir doenças sexualmente transmissíveis (DST's) é maior do que de uma pessoa que mantém um relacionamento com um único parceiro.

“(...) há quem defenda esse lado liberal, que tenha essa mente mais aberta, só que você também pode analisar pelo lado crítico mesmo da situação, que tipo você tendo relações abertas você tá sujeito a várias coisas, porque tipo você não conhece muito bem a outra pessoa que você vai se relacionar, então se você acaba tendo, vários parceiros aí você já corre um risco”. (Homem, 21 anos, aux. administrativo, em um relacionamento aberto)

Acerca do comportamento vulnerável, Silva e Vargens (2006) afirmam que a vulnerabilidade de um determinado grupo à afecção e ao adoecimento pelo HIV e outras DST's é resultado de várias características dos contextos político, econômico e socioculturais que aumentam ou diminuem o risco individual. Todavia, nos dias atuais ainda há quem pense que apenas alguns grupos estigmatizados estão propensos a contrair DST's, contudo, o número de pessoas infectadas vem crescendo nos mais diversos grupos. Por isso, hoje utiliza-se o termo comportamentos vulneráveis em detrimento de grupos vulneráveis, sendo assim,

qualquer pessoa está sujeita a contrair este tipo de doença. Levando em consideração o trecho da fala do entrevistado, é possível verificar que o mesmo demonstra ter consciência de seu comportamento vulnerável, o que vem a favorecê-lo na prevenção contra as DST's.

b) Relacionamento à distância

Este tipo de relacionamento corresponde àqueles em que o casal é separado pela distância física, sendo o namoro mantido através dos meios de comunicação: telefone, internet, carta, entre outros. Em função do avanço tecnológico na informação e na comunicação, esta modalidade vem crescendo bastante nos últimos anos, pois as diversas ferramentas existentes facilitam o contato entre as pessoas mesmo estando a quilômetros de distância.

Assim, a fala abaixo corresponde a uma jovem em um relacionamento à distância. Para ela as pessoas não acreditam que seja possível manter a confiança em uma pessoa que está longe fisicamente, pois não se sabe o que o outro faz, quais as condutas e estilo de vida. Para evitar possíveis críticas, por vezes, a entrevistada relata evitar comentar sobre seu relacionamento, já que para ela isto é algo que a torna alvo de críticas.

“A sociedade percebe de forma negativa, a pessoa pensa: ‘ah, fulano vai te esperar não, ou então, ele tá com outra e não sei o quê’. Então é uma coisa que eu noto, pelo menos da minha parte, às vezes eu até fico assim de admitir ou de falar sobre meu relacionamento”. (Mulher, 22 anos, estudante, em um relacionamento à distância)

Este tipo de relacionamento, como também os relacionamentos virtuais acabam por exigir um pouco mais dos pares, visto que, além de ter que lidar com todas as vicissitudes que acometem outras formas de amor, ainda tem que administrar a saudade e a desconfiança, quando não há confiança suficiente entre o casal. Com relação à confiança, de acordo com Lucena (2009) a confiança em si mesmo se apresenta de modo interligado à confiança depositada no outro. Isto porque, é necessário confiança em si para assumir os riscos existentes em uma relação amorosa; já a confiança na outra pessoa possibilita a delegação e divisão dos poderes, minimizando as diferenças valorativas a partir da confiança.

Com isso, verifica-se a necessidade de estabelecimento de confiança não só em relacionamentos deste tipo, mas em todas as formas, uma vez que, diante de um cenário

instável e plástico, é a confiança que oferece subsídios para uma forma de amar autêntica e satisfatória.

c) Relação homoafetiva à distância

Um dos entrevistados deste estudo mantém um relacionamento à distância e também homoafetivo e, ao ser questionado sobre como a sociedade percebe sua forma de relacionamento surgiu um conteúdo relacionado à homoafetividade.

“(...) que tem preconceito, tem, e até uma nomenclatura que eu vi na TV em relação à síndrome de down e que eu acho que a gente pode usar de uma forma geral, que é o preconceito carinhoso (...) É a mesma coisa. Assim, com amigos da gente trata você normal, vê com naturalidade e tal, porque é acostumado, mas no momento que você perguntar assim: Se seu filhos nascer gay? Aí a pessoa: ‘não, ele não vai ser gay não’, tá entendendo? Então, tem um preconceito mascarado. Então, eu acho que sempre vai ter o preconceito, com tudo que for diferente, não é questão de minoria, mas tudo que for muito diferente dessa norma que vem de um sistema capitalista (...)”. (Homem, 25 anos, jornalista, em um relacionamento homoafetivo à distância)

De acordo com o entrevistado, existe na sociedade uma forma de preconceito mascarada, possivelmente em função do momento histórico em que vivemos, onde os direitos humanos vem sendo constantemente ressaltados e, sobretudo, o fato de qualquer demonstração de preconceito ser caracterizada como crime. Assim, o preconceito continuar a existir, porém, sem ser assumido pelas pessoas, pois, ainda que sutil, o preconceito é:

Uma forma de relação intergrupar onde, no quadro específico das relações de poder entre grupos, desenvolvem-se e expressam-se atitudes negativas e depreciativas além de comportamentos hostis e discriminatórios em relação aos membros de um grupo por pertencerem a esse grupo, (LACERDA, PEREIRA & CAMINO, 2002, p. 166)

Lacerda *et al* afirmam, ainda, que existem ideologias que sustentam as diferenças sociais. A partir disso, é possível dizer que tais ideologias são difundidas principalmente através da mídia que serve de canal na transmissão de ideais capitalistas que ditam o que é belo, o que é certo e como as pessoas devem ser, servindo de combustível para a manutenção do preconceito.

d) Casamento

O casamento para Berger e Kellner (1970) apud Carneiro (1998) é um ato dramático em que dois estranhos que possuem um passado individual e diferente se encontram redefinindo-se. De um modo geral, o casamento se apresenta desta forma, contudo, na práxis ele vem se modificando ao longo dos séculos. Todavia, os papéis atribuídos ao marido e à esposa já não são tão bem definidos como em outros momentos da história, os casais não são formados apenas por homem e mulher, as pessoas já vivem a conjugalidade sem que haja o contrato judicial (união estável), enfim, essas são apenas algumas das transformações que vem sofrendo o casamento que, apesar de ser uma modalidade de relacionamento aparentemente tradicional, tem apresentado várias mudanças na sua configuração.

Neste sentido, o trecho abaixo demarca a resposta de uma entrevistada casada. Esta aponta que o casamento nos dias de hoje é visto de forma diferente que outrora. Para ela, atualmente, o casamento tem sido pouco valorizado, pois para a mulher as prioridades tem sido outras.

“Antigamente era tido quase que comum casar, eu acho até que pra se tornar mulher tinha que casar, tinha muita relação casamento e mulher. E hoje o fato de eu ser casada e ter 25 anos, em alguns momentos algumas pessoas questionam: ‘ah, tu já casou?’ Porque hoje as pessoas tão buscando mais a sua profissão, prosperar financeiramente, ter um mestrado, ter um doutorado, etc. Antes casamento vinha em primeiro lugar, filhos vinham em primeiro lugar pra mulher, e hoje não, então por eu estar casada, dentro dos moldes que a sociedade vem trazendo, eu sou um pouco questionada: ‘mas porque tão nova? E tu consegue dá conta de casa e universidade?’ (...) então, dentro da sociedade hoje, o casamento é muitas vezes banalizado”. (Mulher, 25 anos, estudante, casada)

A questão levantada aqui remete-se ao movimento de independência feminina. Durante séculos a mulher teve sua vida voltada para os filhos, o marido, a família, sendo muitas vezes destituída de sua própria vida em prol de outrem. Aliás, a vida do outro (marido e filhos) era a sua vida. Assim, neste momento em que a mulher alcança sua liberdade, é natural que busque novos objetivos inserindo-se cada vez mais nos diversos espaços sociais, seja na política, nas organizações, no esporte, na educação, na cultura, entre outros. Neste cenário, mulher visa a conquista de seu espaço e não sobrepor-se ao homem.

e) **Relacionamento Oculto**

Um relacionamento é caracterizado como oculto quando há o laço afetivo, mas sem exposição à sociedade. Deste modo, podem existir vários motivos para que o casal não assuma publicamente a relação, dentre eles: a não aceitação da família, medo da discriminação, extra-conjugalidade, entre outros.

De acordo com a entrevistada que mantém um relacionamento oculto, a sociedade tem uma percepção negativa de sua forma de amor, considerando que o termo oculto dá margem para muitas fantasias.

“(...) sei lá um relacionamento oculto [as pessoas devem pensar]: ‘o que é que vocês têm pra esconder?’ ‘Iam pensar se os dois têm outras pessoas e não querem assumir’”. (Mulher, 22 anos, estudante, em um relacionamento oculto)

Nos dias atuais manter um relacionamento oculto torna-se um desafio. É provável que hoje, muito mais do que em outros momentos da história. Isto porque, com os avanços nas redes de comunicações, praticamente todas as vivências devem ser compartilhadas através das redes sociais. Neste sentido, torna-se tão natural expor sua vida nestas redes que quando isto não ocorre o sujeito acaba sendo alvo de desconfianças, já que se você não expõe a sua vida amorosa, algum problema há com ela.

f) **Relacionamento Virtual**

O relacionamento virtual assemelha-se ao relacionamento à distância, por fazer uso das mesmas ferramentas, contudo para se caracterizar enquanto um relacionamento virtual é necessário que ainda não tenha havido o contato presencial. Em meio a tanta tecnologia é provável que grande parte da população já tenha vivido um amor virtual, principalmente pela crescente invasão dos computadores aos domicílios.

Neste sentido, para Bauman (2004), a rede ao mesmo tempo em que conecta também desconecta. Nela as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha, eliminando a possibilidade de “um relacionamento indesejável, mas impossível de romper”, não havendo qualquer incomodo ou constrangimento em momentos de rompimento. Assim, estas relações parecem atender todas as exigências da atualidade:

Feitas sob medida para o líquido cenário da vida moderna, em que se espera e se deseja que as “possibilidades românticas” (e não apenas românticas) surjam e desapareçam numa velocidade crescente e em volume cada vez maior, aniquilando-se mutuamente e tentando impor aos gritos a promessa de “ser a mais satisfatória e a mais completa” (BAUMAN, 2004, p. 8)

Pensando nisso, vejamos o trecho abaixo:

“Assim, algumas pessoas criticam, entendeu? Julgam, dizem que é uma coisa que não vai pra frente, falam que: ah, tu tá vivendo de ilusão, tem muita gente que fala isso, e geralmente falam: ah, eu já passei por isso e não deu certo, mas é bom vá em frente. Então, tem o lado positivo e o negativo, as pessoas têm aquela opinião formada né?” (Mulher, 22 anos, estudante, em um relacionamento virtual)

Apesar dos grandes avanços tecnológicos, para esta entrevistada a sociedade ainda não se encontra aberta para aceitar relacionamentos virtuais, pois segundo ela as pessoas tratam este tipo de relacionamento como sendo uma ilusão. Contudo, ainda é possível visualizar a presença da esperança, quando as pessoas afirmam que com elas não deu certo, mas que ela vá em frente.

g) Relacionamento Eventual

Em se tratando do relacionamento eventual, a discussão a seguir é apenas em nível teórico, considerando que esta foi uma categoria pré-estabelecida, mas que a única entrevista situada na mesma foi cancelada por não atender as exigências mínimas para análise.

O relacionamento eventual não inclui compromisso. É possível que haja afeto ou não, por vezes trata-se apenas de contato físico. Este tipo de relação também vem se destacando em função da fluidez das relações, que se encontram bastante flexíveis em relação ao seu início, e sobretudo ao término. Bauman (2004) aborda a temática afirmando que cada vez mais as pessoas buscam a satisfação instantânea, guiadas pela mera satisfação de seus impulsos, já que semear, cultivar e alimentar o desejo leva um certo tempo, e os lucros a longo prazo pouco importam.

Estas relações amorosas seguem os padrões dos bens de consumo que devem ser consumidos instantaneamente e usados uma única vez, não exigindo o mínimo treino nem uma preparação prolongada, com a promessa de desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforços (BAUMAN, 2004). Assim, sob a influência de uma cultura

consumista, onde cada vez se sabe menos diferenciar homem e produto, as relações vão se transformando em ‘transações comerciais’. Em meio a tantas “experiências amorosas” disponíveis, diante de tantas ferramentas que facilitam o envolvimento amoroso, a qualidade desses relacionamentos tem diminuído significativamente, já que segundo Bauman (2004, p.10)

Em vez de haver mais pessoas atingindo mais vezes os elevados padrões do amor, esses padrões foram baixados. Como resultado, o conjunto de experiências às quais nos referimos com a palavra amor expandiu-se muito. Noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome de ‘fazer amor’.

O conteúdo explanado neste estudo oferece inúmeros elementos para suscitar reflexões acerca das relações amorosas no atual momento. Diante disso, é preciso refletir sobre como estão nossas relações, no sentido mais amplo da palavra. O que temos extraído de bom de nossas relações? E o que temos ofertado aos que nos rodeiam? Será que tenho esperado demais e feito de menos?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Amor, amor, amor... Os poetas já o declamaram, os artistas o ilustraram, os cientistas o dissecaram, e os amantes então, dele se embriagaram. Porque o que move o mundo não são as perguntas, nem as respostas, mas o amor, o amor que dedicamos aos outros, a nós mesmos, ao que fazemos, enfim, à vida. Por isso, o amor jamais será “clichê” o suficiente ao ponto de esgotar-se nos lábios de quem o vive.

Bauman (2004), em “O amor líquido”, nos diz que “Relacionar-se é caminhar na neblina, sem a certeza de nada”. Mas, afinal de contas, que sentido haveria em ler um livro sabendo o que aconteceria no final? Assim é a vida, cheia de altos e baixos, de incertezas e desafios, ainda mais nos tempos de hoje, onde num piscar de olhos podemos nos conectar ou ser desconectado de pessoas em qualquer lugar do planeta.

O desenrolar deste estudo revela o reflexo da denominada modernidade líquida. Observamos que nas relações afetivas se almeja estabilidade, segurança, confiança, mas, também as vantagens dos amores plásticos, fluídos, menos estáveis. Contudo, vale destacar que toda moeda tem dois lados e, ao escolher uma relação ‘líquida’, é preciso lidar com a incerteza, com a possibilidade de perda do amor ainda não consolidado, não conquistado. Daí vem o impasse desta geração que não está disposta a sofrer, mas apenas extrair o mais rápido possível o prazer que o mundo pode lhe oferecer.

Em uma sociedade em que a espera torna-se algo tão insuportável, causa estranheza a ideia de amor ligada à temporalidade (construção progressiva). Isto vem a evidenciar a contradição vivida por parte dos entrevistados deste estudo, e não só por eles, mas por muitos jovens desta sociedade. Neste sentido, o que os impedem de vivenciar o que está em seus corações?

O mundo está cada vez mais sendo tomado pelo desamor! É tanta violência, que a insegurança e o medo vêm tomando uma proporção desenfreada, e diante disso, o que nos resta é a esperança, os anseios de amar e ser amado. E isto explica a presença significativa do apoio social nas falas dos entrevistados. Pois, ter alguém para dividir as emoções, as dores, as conquistas, as limitações, entre outras coisas, é o que dá força para levantar a cada manhã, tendo fé de que dias melhores virão.

Diante de tamanha liquidez, as pessoas buscam algo, ou alguém, em quem se apoiar. No entanto, manter-se envolvido, vinculado, é algo a ser aprendido a partir deste mundo em constante evolução. Ainda, não basta reaprender a vincular-se, mas vincular-se quando for

preciso e saber soltar-se quando houver necessidade, de modo que nesse movimento se constitua o equilíbrio.

Entre erros e acertos, malefícios e benefícios, o mais importante é o movimento, rumo ao aprendizado no campo das relações humanas. Considerando que se trata de um terreno ainda desconhecido, nada mais natural que haja um ensaio em busca de seu próprio modo de amar. Como disse Rogers (1987), cabe à sociedade aceitar esta revolução no campo das uniões, sem interferir por meio de repressão ou julgamento. Isto porque, é através da experiência que provém o aprendizado, e estes jovens vivenciam uma espécie de laboratório experiencial, que possibilitam a oportunidade de crescimento pessoal, bem como o desenvolvimento de relações democráticas e autônomas, pautadas na ética e no bem estar interpessoal.

Chegando ao fim deste trabalho é possível que o leitor esteja se perguntando: “mas, afinal, toda forma de amor vale a pena?” É preciso dizer que esta é uma resposta que deve ser constantemente buscada por cada um, pois o ser humano é instável, mutável, líquido! Sendo assim, é necessário estar ciente de que ninguém deve impor o que é “certo” ou “errado”, o que proporciona felicidade, ou não.

Cabe a nós sermos assumirmos o nosso próprio referencial baseados em nossa experiência, e não apenas reproduzir o que as convenções sociais vêm ditando através de ideologias.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. *O Retorno e terno: crônicas*. 27. ed. São Paulo: Papirus. 1992.

AMÉLIO, A. *O Mapa do Amor*. 4. ed. São Paulo: Editora Gente. 2001.

ANDRADE, A. L.; GARCIA, A. Atitudes e Crenças sobre o Amor: Versão Brasileira da Escala de Estilos de Amor. Espírito Santo, 2010. Disponível em: < <http://interpersonaabpri.files.wordpress.com/2010/12/atitudes-e-crenc3a7as-sobre-o-amor1.pdf> > Acesso em 12 de Março de 2013.

BARROS, J. D. O amor cortês: suas origens e significados. Raído, Dourados, v. 5, n. 9, Jan/Jun. 2011. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/viewFile/979/811> > Acesso em: 21 de Março de 2013.

BAUMAN, Z. *O Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2004.

_____ *Vida Para Consumo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2008.

_____ *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.

BRAGA, M. G. *Do Amor romântico ao Amor confluyente*. Psique Ciência & Vida, Ano V, n 54. São Paulo: Editora Escala. 2009.

BRANDÃO, C. R. *Aprender o amor: Sobre um afeto que se aprende a viver*. São Paulo: Papirus. 2005.

BOFF, L. *Saber Cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*. Rio de Janeiro: Record. 1999.

CARNEIRO, T. F. *Casamento Contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade*. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 11, n. 2. 1998. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=pt&tl > Acesso em 22 de Setembro de 2013.

CÁRDIAS, S. M. *O Diálogo como elemento mediador de práticas educativas reflexivas*. Roraima, 2006. Disponível em: < <http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/022e4.pdf> > Acesso em 5 de Outubro de 2013.

CEBRID. *I Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas no Brasil: estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país – 2001*. São Paulo: CEBRID – Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo: 2002, Disponível em: < <http://www.unifesp.br/dpsicobio/cebrid> > Acesso em 7 de Outubro de 2013.

COLAÇO, L. I. F. S. *Estilo de vinculação e satisfação na relação de namoro à distância*. 2009. 101 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde) – Faculdade de Psicologia e de Ciência da Educação, Universidade de Lisboa. 2009.

COSTA, A. M. N. *Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 18, n. 2, Mai/Ago. 2002. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722002000200009&lng=pt&nrm=iso > Acesso em: 20 de Julho de 2013.

DUARTE, J. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

ECO, U. *Idade Média: Bárbaros, cristãos e muçulmanos*. Portugal: D. Quixote, 2010.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. *Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas*. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.24, n.1, p. 17-27, Jan. 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.org/pdf/csp/v24n1/02.pdf> > Acesso em: 11 de Julho de 2013.

GALIZA, Danuza F. *Mulher: O feminino através dos tempos*. 2008. Disponível em < <http://www.webartigos.com/artigos/mulher-o-feminino-atraves-dos-tempos/3781> > Acesso em 10 de Maio de 2013.

GIDDENS, A. *A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo na Sociedades Modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista. 1993.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1988.

GIKOVATE, F. *Uma Nova Visão do Amor*. 4. ed. São Paulo: Summus. 2001.

_____ *Ensaio sobre o amor e a solidão*. 6 ed. São Paulo: MG editores. 2006.

GODEK, G. J. P. *Amor: A lição que você não teve na escola*. São Paulo: Ediouro. 2000.

GOULART, I. B. *Temas de Psicologia e Administração*. 1. ed. São Paulo: Casa do psicólogo. 2006.

GRIEP, R. H. *Confiabilidade e Validade de instrumentos de medida de rede social e de apoio social utilizados no estudo pró-saúde*. Rio de Janeiro, 2003. Tese (Doutorado) – Fundação Oswaldo Cruz – Escola Nacional de Saúde Pública.

HAACK, K. R. *Amor, qualidade conjugal e infidelidade em relacionamentos amorosos mediados e não mediados pela internet*. 2012. 86 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2012.

HOFFMAN, E.; SILVEIRA, R. F.; POLYDORO, J. I. *Altruísmo no Brasil: um estudo exploratório*. Mudanças – Psicologia da Saúde, São Paulo, v. 18, n. (1-2), p. 36-46, jan-Dez. 2010. Disponível em: < <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MUD/article/viewArticle/2229> > Acesso em 10 de Setembro de 2013.

JIDDU, K. *Sobre Relacionamentos*. Rio de Janeiro: Cultrix. 1992.

LAMA, D. *Bondade, Amor e Compaixão*. 4. ed. São Paulo: Pensamento. 2006.

LACERDA, M.; PEREIRA, C.; CAMINO, L. Um Estudo sobre as Formas de Preconceito contra Homossexuais na Perspectiva das Representações Sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 165-178, pp. 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n1/a18v15n1.pdf> > Acesso em 16 de Setembro de 2013.

LINS, R. N. *O Livro do Amor: da Pré-história à Renascença*. Rio de Janeiro: Best Seller. 2012.

LUCENA, M. Z. “*Quem acreditou no amor, no sorriso, na flor*”: *A confiança nas relações amorosas*. 2009. 256 f. Tese (Mestrado em sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco. 2009.

LUVIZZOTO, C. K. *A racionalização das tradições na modernidade: o diálogo entre Anthony Giddens e Jürgen Habermas*. *Trans/Form/Ação*, Marília, v.36 n.spe. 2013. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732013000400015&lng=pt&nrm=iso > Acesso em: 20 de Março de 2013.

MESSA, C. *As dificuldades atuais do relacionamento afetivo*. *Psique Ciência & Vida*, Ano V, n 55. São Paulo: Editora Escala. 2009.

MILAN, B. *E o que é o amor?* Rio de Janeiro: Record. 1999.

MINAYO, M. C. S. *Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta*. In: Congresso Nacional de Saúde do Adolescente. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

OCD, F. P. *Espiritualidade do avental*. São Paulo: Edições Loyola. 2007.

PORTELA, T. T. *Interferência da Tecnologia nas Relações Sociais*. Paraná, 2011. Disponível em: < <http://www.esocite.org.br/eventos/tecsoc2011/cd-anais/arquivos/pdfs/artigos/gt007-interferenciado.pdf> > Acesso em 30 de Setembro de 2013.

PRETTO, Z.; MAHEIRIE, K.; TONELI, M. J. F. *Um olhar sobre o amor no Ocidente*. *Psicologia em estudo*, Maringá, v. 14, n. 2, Abr/Jun. 2009. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722009000200021 > Acesso em: 15 de Maio de 2013.

PRIORE, M. D. *A História do Amor no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto. 2006.

RAMPAZZO. *Metodologia Científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola. 2005.

REA, L. M. PARKER, R. A. *Metodologia de Pesquisa: do planejamento à execução*. São Paulo: Pioneira. 2000.

REY, F. L. G. *Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Caminhos e Desafios*. 1. ed. São Paulo: Thomson. 2002.

ROGERS, C. R., KINGET, G. M. *Psicoterapia e Relações humanas*. 2. Ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1997. 2v.

ROGERS, C. R. *Novas Formas do Amor: O casamento e suas alternativas*. 8 Ed. Rio de

Janeiro: José Olympio, 1987.

SARTRE, J. P. *O Ser e o Nada: Ensaio de ontologia fenomenológica*, trad. Paulo Perdigoão. Petrópolis: Vozes, 2002.

SEIXAS, A. M. R. *Sexualidade feminina: história, cultura, família, personalidade e Psicodrama*. São Paulo: Editora SENAC, 1998.

SILVA, A. M. B. *Tecnologia e relacionamentos virtuais: evolução ou involução humana?* In: ENCONTRO PARAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XIII, 2013. Anais. Curitiba: Centro Reichiano, 2013. Disponível em: < <http://www.centroreichiano.com.br/artigos/Anais%202013/SILVA,%20Andressa%20Melina%20Becker.Tecnologia%20e%20relacionamentos%20virtuais.pdf> > Acesso em: 12 de Julho de 2013.

SILVA, M. S.; VARGENS, O. M. C. *A percepção das mulheres quanto à vulnerabilidade feminina para contrair DST/HIV*. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43n2/a20v43n2.pdf> > Acesso em: 05 de Outubro de 2013.

SOLTYS, M. *Mistérios Ocultos do Amor*. São Paulo: Biblioteca 24 horas. 2009.

SOPHIA, E. C. *Amor patológico: aspectos clínicos e de personalidade*. 2008. 117 f. Dissertação (Mestrado em Psiquiatria) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo. 2008.

SOUZA, R. M.; RAMIRES, V. R. *Amor, casamento, família, divórcio... e depois, segundo as crianças*. São Paulo: Sumus editorial. 2006.

TOURAINÉ, A. *As mulheres na origem da nova sociedade*. Rio de Janeiro, 2006. Entrevista concedida ao portal UOL. Disponível em: < http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=8230&cod_canal=41 > Acesso em 28 de Setembro de 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE 1: TCLE**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA****DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO**

Pelo presente termo de consentimento livre e esclarecido, eu,
 _____, RG _____

em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa “Toda forma de amor vale a pena? Considerações acerca das transformações nas relações afetivas”, que está sendo desenvolvida por Waléria Frazão do Curso de Psicologia, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) sob a orientação da Prof^a. Dra. Carla Brandão.

O meu consentimento em participar da pesquisa se deu após ter sido informada que:

1. Minha participação é voluntária, tendo eu a liberdade de desistir a qualquer momento sem risco de penalização;
3. Será garantido meu anonimato e guardado sigilo de dados confidenciais;
4. Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com a pesquisadora;
5. A pesquisa não apresenta nenhum risco para o participante, mas beneficiará no sentido de promover o conhecimento sobre a temática abordada.
6. Autorizo a pesquisadora a apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica.
7. Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o participante poderá contatar a equipe científica através da orientadora Dr. Carla Brandão

Campina Grande, _____ de _____ 2013.

 Assinatura do Participante

 Assinatura do pesquisador responsável

APÊNDICE 2: INSTRUMENTO DE COLETA DE INFORMAÇÕES

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Código _____

Data __ / __ / __

Dados Pessoais

Sexo: F M Idade: _____

Profissão: _____

Escolaridade: _____

Renda Familiar (em sal. mínimos): _____

Religião: _____

Tipo de Relacionamento

() **Casado/união estável**() **Aberto** (Há um vínculo entre os pares, mas com possibilidade de outras relações simultâneas)() **À distância** (morando em dif. cidades, com contato a maior parte do tempo por telef. Via internet)() **Relação Oculta** (sigiloso: mantido em segredo da família e/ou da sociedade): Se possível, especifique: _____() **Virtual** (Via internet, telefone, sem ter havido conhecimento/contato pessoal (ao vivo))() **Eventual** (ficante)**Outro** _____**Tempo de Relacionamento** _____

Observações:

APÊNDICE 3: ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) Para você o que é o amor?
- 2) O que você busca em um relacionamento?
- 3) O que te faz bem em seu relacionamento?
- 4) O que te desagrada nesta relação?
- 5) Você está satisfeito (a) com seu relacionamento? Mudaria alguma coisa?
- 6) Considerando o nosso contexto atual, como você imagina que a sociedade percebe/considera esta sua forma de relacionamento?

ANEXOS

ANEXO 1: TERMO DE COMPROMISSO DO RESPONSÁVEL PELO PROJETO EM CUMPRIR OS TERMOS DA RESOLUÇÃO 196/96 do CNS

Pesquisa: “Toda forma de amor vale a pena? Considerações acerca das transformações nas relações afetivas.”

Eu, Carla Brandão, professora do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, portadora do RG:1280-545, e CPF:674694934-68 comprometo-me em cumprir integralmente os itens da Resolução 196/96 do CNS, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Estou ciente das penalidades que poderei sofrer caso infrinja qualquer um dos itens da referida resolução.

Assim como me comprometo a entregar quando do término do estudo um exemplar do relatório final da pesquisa à instituição responsável, bem como disponibilizar os resultados da pesquisa, em forma de apresentação, artigo ou outra modalidade de divulgação científica, aos participantes que manifestarem interesse em conhecer os resultados finais.

Por ser verdade, assino o presente compromisso.

ORIENTADORA

Campina Grande, 27 de junho de 2013.

ANEXO 2: TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Por este termo de responsabilidade, nós, abaixo-assinados, respectivamente, autor e orientando da pesquisa intitulada, “Toda forma de amor vale a pena? Considerações acerca das transformações nas relações afetivas” assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/MS e suas Complementares, autorgada pelo Decreto 93833, de 24 de janeiro de 1987, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao(s) sujeito(s) da pesquisa e ao Estado, e a Resolução/UEPB/ CONSEP/10/2001 de 10/10/2001.

Reafirmamos, outrossim, nossa responsabilidade indelegável e intransferível, mantendo em arquivo todas as informações inerentes a presente pesquisa, respeitando a confidencialidade e sigilo das fichas correspondentes a cada sujeito incluído na pesquisa, por um período de cinco anos após o término desta. Apresentaremos semestralmente e sempre que solicitado pelo CCEP/UEPB (Conselho Central de Ética em pesquisa/Universidade Estadual da Paraíba), ou CONEP (Conselho nacional de Ética em Pesquisa) ou, ainda, as Curadorias envolvidas no presente estudo, relatório sobre o andamento da pesquisa, comunicando ainda ao CCEP/UEPB, qualquer evento modificação proposta no supracitado projeto.

Campina Grande, ____ de _____ de ____.

Autor (a) da pesquisa

Orientanda



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS – CEP/UEPB
COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Prof.^a Dra. Doralúcia Pedrosa de Araújo
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa

PARECER DO RELATOR: (05)

CAAE PLATAFORMA BRASIL: 20485913.0.0000.5187

Data da 1ª relatoria PARECER DO AVALIADOR: 30/08/2013.

Pesquisador(a) Responsável: Carla de Sant'Ana Brandão Costa

Orientanda: Waleria Frazão R. De Araújo.

Apresentação do Projeto:

O Projeto é intitulado: “Toda forma de amor vale a pena? Considerações acerca das transformações nas relações afetivas”. O estudo é para fins de realização de pesquisa elaboração do TCC do Curso de psicologia da UEPB.

Objetivo da Pesquisa: A pesquisa tem como objetivo geral: Analisar as configurações do amor ao longo da história.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:Riscos: Não há riscos.

Benefícios: Possibilitar o conhecimento e reflexão acerca das modalidades de relacionamentos amorosos, desde as formas mais tradicionais às modalidades emergentes, favorecendo na compreensão sobre as mudanças nas relações na contemporaneidade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa: Será realizada uma pesquisa de natureza qualitativa. Assim, a coleta de informações serão realizadas entrevistas em profundidade. A entrevista é, segundo Minayo (2007), uma técnica de interação social, que permite obter informações com melhor qualidade e abarca tanto conhecimentos relacionados com o tema proposto, como também a relação que o informante pode ter com o mesmo. Já a entrevista em profundidade é, de acordo com Duarte (2005), uma forma de abordagem flexível, uma vez que o entrevistador e o entrevistado fazem um ajuste livre de perguntas e respostas, além de buscar informações, percepções e

vivências dos informantes. Essa entrevista é útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido (DUARTE, 2005, p.64). Todas as entrevistas serão gravadas e posteriormente transcritas na íntegra para fins de submissão à Análise de Conteúdo. Serão incluídas pessoas de ambos os sexos, com idade mínima de 18 anos e que, no momento da pesquisa, estejam mantendo algum tipo de relação amorosa (casais hétero e homossexuais, casados, de namorados, de noivos, ficantes, que mantenham relações virtuais, relacionamentos "abertos", entre outros) há pelo menos um (01) ano, em uma das diferentes modalidades de relacionamento.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória: Os termos encontram-se devidamente anexados.

Recomendações: Sem recomendações.

Situação do parecer: APROVADO.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA/
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



Prof.ª Dra. Doralúcia Pedrosa de Araújo
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa